UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FILIPE SILVA RIBEIRO

O KAMBÔ NA REDE: DIVULGAÇÃO DE UMA PRÁTICA TRADICIONAL INDÍGENA NA INTERNET

CURITIBA

2017

FILIPE SILVA RIBEIRO

O KAMBÔ NA REDE: DIVULGAÇÃO DE UMA PRÁTICA TRADICIONAL INDÍGENA NA INTERNET

Monografia apresentada à Coordenação do curso de Gradução em Ciências Sociais, Departamento de Antropologia, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, como requisito para a conclusão do curso de Ciências Sociais.

Orientadora: Edilene Coffaci de Lima

CURITIBA

2017

FILIPE SILVA RIBEIRO

O KAMBÔ NA REDE: DIVULGAÇÃO DE UMA PRÁTICA TRADICIONAL INDÍGENA NA INTERNET

Monografia aprovada como requisito à obtenção do grau de bacharel no curso de Ciências Sociais, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte Banca Examinadora:

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Prof. Dra. Edilene Coffaci de Lima

Departamento de Antropologia, UFPR (DEAN).

Prof. Dra Eva Scheliga

Departamento de Antropologia, UFPR (DEAN).

Doutorando Paulo Roberto Homem de Góes

Departamento de Antropologia, UFPR (DEAN).

Curitiba, 10 de fevereiro de 2017.

AGRADECIMENTOS

Neste momento de imensa satisfação por uma longa etapa que se conclui, agradeço profundamente ao Criador e às seguintes pessoas que muito contribuíram para a realização deste trabalho:

À professora Edilene, pela orientação, por todas as dicas, palpites, críticas e sugestões, por me apresentar boa parte da bibliografia aqui utilizada, por me estimular, incentivar e me mostrar o quão interessante poderia ser essa pesquisa.

À professora Eva e aos colegas da disciplina Laboratório Etnográfico II, pelas valiosas críticas e debates enriquecedores.

Aos amigos de estudo e de caminhada, pela parceria: hermanos Gustavo e Chico, Flávio, Soraya, Bruna, Paulinho, Josi, Tiagão, Pedro, Ricardo, Gustavo Anderson e Gian.

Aos Yawanawa, por sempre me receberem tão bem, especialmente Kapa kuru, Nainawa e Tepumã pela generosidade.

Aos meus pais João e Rosi, por todo o apoio, amor e compreensão em todos estes anos, e à minha irmã Camila, especialmente pelo incentivo em um momento chave de minha vida, quando decidi me mudar para Curitiba.

Finalmente, às pessoas mais importantes de minha vida, meus amores: Luana Maria, Lu, por todo o amor, companheirismo, dedicação, paciência e carinho nestes quase 3 anos juntos, que na verdade parecem vidas, por ser essa mulher incrível e essa mãe maravilhosa. E Pietro, Pipo, minha grande alegria, sol que veio brilhar em nossas vidas, por me trazer o maior de todos os aprendizados e me fazer nascer pai. Vocês são tudo pra mim!

RESUMO

Esta pesquisa é sobre o uso do *kapum*, *kampô*, ou *kambô* - alguns dos modos como é chamada a perereca *Phyllomedusa bicolor* e a sua secreção - e sobre a divulgação da prática na internet. Utilizado tradicionalmente por grupos indígenas, a maior parte deles habitantes do sudoeste amazônico, o *kambô* começou a ser difundido no meio urbano a partir da década de 90 e do início deste século. No Brasil, a difusão tem destaque a partir da parceria entre alguns índios Katukina da família linguística pano, localizados no estado do Acre, com alguns terapeutas alternativos localizados em grandes centros urbanos. Após a expansão pelo território nacional, o uso da "vacina do sapo" alcançou sua internacionalização num período mais recente. Após apresentar as formas nativas de uso e o início de sua difusão no meio urbano, faço um breve mapeamento da recente expansão do *kambô* ao redor do mundo. Para isso, realizo uma pesquisa na *internet*, em sítios eletrônicos do exterior que trazem diferentes informações sobre o *kambô*, além de divulgarem e promoverem seu uso. A partir da descrição de oito sítios eletrônicos que divulgam o *kambô* no exterior, proponho uma reflexão sobre as formas de apropriação urbana de um conhecimento tradicional indígena, que adentra nestes contextos de diferentes maneiras.

Palavras-chave: Kambô. Conhecimento tradicional. Difusão urbana. Divulgação na internet.

ABSTRACT

This research is about the use of *kapum*, *kampô*, or *kambô* - the various ways as is called the *Phyllomedusa bicolor* and its secretion - and about the dissemination of the practice on the internet. Traditionally used by indigenous groups, most of them inhabitants of the Amazon southwest, the *kambô* began to be diffused in the cities from the 90's and the beginning of this century. In Brazil, the diffusion is highlighted by the partnership between Katukina Indians of the panoan linguistic family, located in the state of Acre, with some alternative therapists located in large urban centers. After the expansion through the national territory, the use of the "frog vaccine" reached its internationalization in a more recent period. After presenting the native forms of use and the beginning of their diffusion in the urban environment, I briefly map the recent expansion of *kambô* around the world. To do this, I do a research on the Internet, in foreign electronic sites that bring different information about the *kambô*, besides publicizing and promoting its use. From the description of eight electronic sites that disseminate *kambô* abroad, I propose a reflection on the forms of urban appropriation of a traditional indigenous knowledge that enters these contexts in different ways.

Key Words: Kambô. Traditional knowledge. Urban diffusion. Internet publicizing.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Abertura do Festival Yawa 2014.....10

FIGURA 2 -*Kapum*.....14

FIGURA 3 -Perereca amarrada para coleta da secreção.....15

FIGURA 4 -Tepumã e *kapum*.....18

FIGURA 5 - Página inicial do site *Kambo Cleanse*.....30

FIGURA 6 -Página inicial do site *IAKP*.....34

FIGURA 7 -Página inicial do site *Medicina Kambo*.....36

FIGURA 8 -Página inicial do site *Viva Kambo*.....38

FIGURA 9 -Página inicial do site *Kambo Medicina*.....41

FIGURA 10 -Página inicial do site *Sacred Valley Tribe*.....44

FIGURA 11 -Página inicial do site *kambo.nu*.....46

FIGURA 12 -Página inicial do site *Ayakambo*.....49

FIGURA 13 - Imagem que prece o texto *"The science of Kambo - the magic of Kambo peptides"* do site *Kambo Cleanse*.....68

FIGURA 14 - Imagem contida na página *"Supplies"* do site *KamboCleanse*.....68

FIGURA 15 - Capa do livro *Sapo in my soul*.....69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....8

1 CAPÍTULO 1- FORMAS NATIVAS DE USO DO *KAPUM*.....14

1.1 Coleta.....15

1.2 Aplicação.....16

1.3 Aplicadores.....18

1.4 Efeitos.....19

1.5 Um saber do corpo.....20

1.6 Construção do corpo a partir da substância.....22

2 CAPÍTULO 2 - EXPANSÃO URBANA E DIVULGAÇÃO NA INTERNET.....26

2.1 O *kambô* na rede: divulgação da prática na internet.....28

2.2 kambocleanse.com.....30

2.3 iakp.org.....34

2.4 medicinakambo.cl.....36

2.5 vivakambo.com.....38

2.6 kambomedicina.com.....41

2.7 sacredvalleytribe.com.....44

2.8 kambo.nu.....46

2.9 ayakambo.com.....49

3 CAPÍTULO 3 - DO *KAPUM* AO *KAMBÔ*.....51

3.1 *Kambô* e corporalidade.....51

3.2 *Kambô* terapêutico.....52

3.3 *Kambô* xamânico.....54

3.4 Legitimação e o surgimento de associações..... 58

3.5 Mercantilização.....61

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....64

REFERÊNCIAS.....66

ANEXOS.....68

INTRODUÇÃO

Este trabalho teve início em 2014 quando fui convidado por minha orientadora, a professora Edilene C. de Lima, para a realização de uma pesquisa de iniciação científica que teve como principal objetivo desenvolver um levantamento sobre a divulgação do uso da secreção da perereca *Phyllomedusa bicolor* na internet e fazer um mapeamento da difusão da prática ao redor do mundo. Uma versão estendida desta pesquisa resultou nesta monografia.

Como as formas para se referir a prática em questão variam, já de início é necessário tratar de uma questão terminológica. A perereca *Phyllomedusa bicolor* bem como a aplicação de sua secreção é conhecida entre os índios como: *kapum* pelos Yawanawa, *kampô* pelos Katukina, *kampu* pelos Kaxinawa ou *kambô* pelos não-indígenas no meio urbano, isto para citar as formas mais conhecidas[1]. Devido a esta variabilidade[2], o modo como me refiro a prática neste trabalho também varia: num primeiro momento da pesquisa - quando abordo o uso nativo e o início da difusão urbana - optei por utilizar o termo *kapum*, em virtude de um trabalho de campo realizado entre os Yawanawa; num segundo momento - quando abordo a divulgação da prática na internet - optei por utilizar o termo *kambô* que é predominante no contexto urbano de uso da secreção.

Metodologia

Iniciei a elaboração da monografia com um capítulo sobre as formas nativas de uso do *kapum*, esclarecendo alguns detalhes sobre a coleta da secreção, a aplicação, os aplicadores e os efeitos corporais da prática, no contexto indígena. Para isso, me baseio nos trabalhos da professora da UFPR Edilene C. de Lima, orientadora da pesquisa, que se dedicou desde a década de 90 a estudos junto ao grupo Katukina da família linguística pano[3], no Acre, publicando uma série de artigos a partir de 2005 sobre o *kampô* Katukina e sobre a expansão

[1] A perereca também é chamada de *bacururu* pelos Tikuna (Carneiro da Cunha, 2009), *wapapatsi* pelos Ashaninka e *kampok* pelos Matis (Arisi, 2011).Entre populações não-indígenas amazônicas, como ribeirinhos e seringueiros, o termo" vacina do sapo" ou "veneno do sapo" também é utilizado.

[2] As diferentes formas de mencionar e grafar o nome da perereca e o uso da secreção podem ajudar a ilustrar diferenças entre os usos nativos e os usos urbanos (Lima 2005).

[3] Conforme Lima (2000) internamente os Katukina pano dividem-se em seis etnôminos: Varinawa (povo do Sol), Kamanawa (Povo da Onça), Satanawa (Povo da Lontra), Waninawa (Povo da Pupunha), Nainawa (Povo do Céu) e Numanawa (Povo da Juriti). O termo Katukina é modo como ficaram conhecidos pelos não-indígenas, sendo que também corresponde a outro grupo indígena localizado no Amazonas.

urbana da prática.[4] Ao apresentar as formas nativas de uso, me inspirei no clássico artigo de Seeger, Da Matta e Viveiros de Castro (1979) para relacionar o uso do *kapum* com as concepções de corporalidade ameríndia, assim como nos artigos de Calávia Saez, Carid Naveira e Pérez Gil (2003) e Pérez Gil (2003) para localizar o corpo como receptáculo de conhecimento e para relacionar o *kapum* com o conceito pano de *yura*. Para o primeiro capítulo também me baseio em um breve trabalho de campo que realizei entre os Yawanawa durante o Festival Yawa em outubro de 2014. Antes de seguir em frente, portanto, cabe fazer algumas considerações a respeito do Festival Yawa.

Festival Yawa

Os Yawanawa, grupo da família linguística pano, habitam sete aldeias ao longo da Terra Indígena do rio Gregório, Acre, a qual é compartilhada com seus vizinhosKatukina. Se reconhecem e são conhecidos pelos grupos da região como "povo da queixada" (*yawa*: queixada, *nawa*: povo). O grupo é composto por aproximadamente 1000 habitantes.

O Festival Yawa é uma celebração que ocorre anualmente desde 2002 na aldeia Nova Esperança, a mais populosa da TI do rio Gregório, e se tornou um espaço de encontro dos Yawanawa com seus vizinhos linguísticos pano e com índios de outras regiões. O festival também é um momento de abertura para não-indígenas, sejam eles moradores de cidades acrianas, habitantes de outros estados do Brasil ou ainda estrangeiros de diversas localidades. Sendo assim, o evento se tornou um espaço de sociabilidade e de intercâmbio entre os Yawanawa e seus visitantes.

Durante o Festival, que dura aproximadamente uma semana, os Yawanawa conduzem uma série de atividades e dinâmicas com os visitantes, como a apresentação de danças, cantorias e brincadeiras tradicionais, realização de pinturas corporais com *kenes* (padrões

[4] Segue os títulos e ano de publicação dos artigos de Lima: *Kampu, kampo, kambô: o uso do sapo-verde entre os Katukina* (2005); *As novas formas do kampô: elementos de uma sociologia da disseminação urbana dos saberes nativos*(2008); *Entre o mercado esotérico e os direitos de propriedade intelectual: o caso do kampô (Phyllomedusa bicolor*) (2009); *A gente é que sabe" ou "sobre coisas katukina" (pano*) (2012); *A internacionalização do kampô (via ayahuasca): difusão global e efeitos locais* (2014*; Um objeto ou uma técnica? O caso do Kampô* (2015). Além destes trabalhos, Lima publicou em co-autoria com Beatriz Labate outros dois artigos*: 'Remédio da ciência' e 'remédio da alma': os usos da secreção do kambô (Phyllomedusa bicolor) nas cidades* (2007) e *A expansão urbana do kampô: notas etnográficas* (2008).

gráficos) Yawanawa, além de cerimônias de *Uni* (ayahuasca)[5] e *Rume* (rapé)[6] conduzidas pelos anciães. O evento é apresentado pelos organizadores - o cacique Bira e sua família - como um espaço de revitalização cultural, onde são relembrados e vivenciados elementos da tradição do povo. Nesse sentido, além de ser um espaço de intercâmbio com os visitantes, o Festival pode ser compreendido como um espaço de incidência da noção de "cultura" elaborada por Carneiro da Cunha(2009), ou seja, um espaço de uso político da noção de cultura, onde a "cultura" tem a propriedade de metalinguagem. Não irei problematizar aqui os entendimentos nativos sobre os termos "tradição" ou "tradicional", apenas destaco que os seus usos estão presentes no discurso dos organizadores do evento e que a noção nativa sobre "tradição" está para além do âmbito político, adentrando no âmbito das memórias, da afetividade e da identidade do grupo.[7]

[5] *Uni* é o nome Yawanawa para se referir a ayahuasca, bebida ritual amazônica preparada a partir da decocção do cipó *Banisteriopsis Caapi* e da folha *Psichotria viridis* podendo levar o acréscimo de outras plantas dependendo da etnia e do especialista responsável pelo preparo.

[6] *Rume* é nome Yawanawa para se referir a um preparado a base de pó de tabaco misturado a outras cinzas com propriedades medicinais, genericamente conhecido como rapé. Equivale ao *Dume* Kaxinawa e ao *Rome Poto* (Lima, 2000) Katukina.

[7] Em um artigo intitulado *"Corporalidade, ética e identidade em dois grupos pano"* (2003), L. Pérez Gil ajuda a elucidar questões que ao meu ver se relacionam a esta: "Nesse sentido, concordo com Vilaça (1999) quando afirma que a revitalização do uso de ornamentação e outros signos de identidade indígena entre muitos grupos amazônicos não se explica apenas como parte de uma estratégia política que tem como destinatário o 'branco'. No caso dos Yawanawa, a revitalização de certos costumes tradicionais teve como resultado a reagrupação de várias famílias que se tinham desagregado em etapas anteriores, assim como o fortalecimento da união e do sentimento grupal da comunidade."

Figura 1 - Abertura do Festival Yawa de 2014. Foto: Filipe Ribeiro, 2014.

A possibilidade de fazer o trabalho de campo durante o Festival Yawa de 2014 se deu pelo fato de eu ter viajado até a Terra Indígena do rio Gregório em outras três ocasiões. A primeira delas foi para participar do Festival Yawa de 2011. Retornei ao rio Gregório alguns meses depois para uma segunda estadia. A terceira viagem foi novamente para participar do Festival, em 2012. Ao total das quatro viagens, fiquei por um período de aproximadamente quatro meses e meio na região e foram criados laços de amizade com membros do grupo, o que contribuiu para o início da pesquisa junto a eles.

Sendo assim, durante o Festival Yawa de 2014 busquei conversar com alguns dos Yawanawa mais indicados no local para falar sobre o *kapum*: caçadores e aplicadores da secreção, em especial *Nainawa*, *Kapakuru* e *Tepumã*. Também conversei com visitantes que haviam recebido aplicações de *kapum* das mãos dos caçadores durante suas estadias na aldeia. A partir das conversas com os caçadores e aplicadores, foi possível elucidar questões referentes as formas nativas de uso do *kapum* entre os Yawanawa e estabelecer alguns paralelos com as formas de uso de seus vizinhos Katukina. Já as conversas com os visitantes,

mesmo que não tenham sido abordadas neste trabalho, adiantaram questões sobre os entendimentos urbanos em torno do uso do *kapum* com as quais me deparei posteriormente durante a pesquisa nos sítios eletrônicos

Feitas as considerações sobre os aspectos da primeira etapa da pesquisa, cabe agora contextualizar a etapa seguinte.

Pesquisa no ciberespaço

Após a contextualização sobre as formas nativas de uso do *kapum* realizada no primeiro capítulo, a segunda etapa deste trabalho consistiu em um levantamento de informações sobre a divulgação da prática em diferentes países, a partir de sítios eletrônicos. Esta etapa consistiu, portanto, em uma pesquisa na internet que teve como principal objetivo descrever as informações contidas em cada *site* selecionado para em seguida enfatizar os aspectos mais recorrentes, ou as concepções mais estáveis sobre o *kambô* divulgadas no meio virtual para o público urbano.

Para me situar inicialmente nesse campo relativamente novo da Antropologia foi necessário uma aproximação inicial a temática a partir de alguns trabalhos que problematizaram questões referentes a: utilização do ciberespaço por diferentes agentes, suas formas de ação nessa "nova mídia", bem como a velocidade e o alcance das informações que circulam na internet[8]. Apesar de não me aprofundar na temática, tomei como exemplo o modo como a autora Pereira (2007)[9] organiza a descrição das informações contidas em cada *site* abordado em sua dissertação e especialmente o modelo de inserção de imagens utilizado pela autora na apresentação dos *sites* selecionados.

Para realização desta etapa da pesquisa, portanto, a internet se mostrou um campo estratégico que possibilitou alcançar os discursos que são criados sobre o *kambô* em vários países e o modo como se elaboram e organizam os argumentos da sua eficácia enquanto um "remédio" ou uma "medicina" nesses espaços.

Inicialmente foi feito um mapeamento de *sites* que divulgam o *kambô* na internet, para um levantamento quantitativo e qualitativo. Nesse sentido foram selecionados oito sítios eletrônicos do exterior para a descrição das informações relacionadas com o *kapum* em cada

[8] A revista *Dossiê Antropologia e Cibercultura*, organizada pelo departamento de Antropologia - DAN da UFRN reúne trabalhos que versam sobre o ciberespaço como "nova mídia" e sobre a cibercultura.
[9] *Ciborgues indígen@s.br: a presença nativa no ciberespaço* (Pereira, 2007).

site. Alguns deles foram descritos mais detalhadamente, visto que eram inteiramente sobre o *kambô*.

Considerando a distância entre as duas etapas da pesquisa, penso que o elo que pode ajudar na articulação é justamente o Festival Yawa, no sentido de que é no Festival que pessoas externas à aldeia tem acesso aos conhecimentos tradicionais, entre eles, sobre o uso do *kapum*. Quando estive em campo no Festival Yawa 2014, soube que tinha um estrangeiro interessado nas aplicações da secreção e tentamos uma comunicação, sem muito sucesso por eu não falar fluentemente o inglês. Para minha surpresa, alguns meses depois, quando comecei a pesquisa na internet, descobri que se tratava de um dos principais aplicadores urbanos de *kambô* nos Estados Unidos, responsável pelo maior grupo na rede social *facebook* sobre o tema (com mais de 6000 seguidores) e por um *site* que divulga e promove aplicações de *kambô* nos Estados Unidos e em outros países mediante convite, além de fazer parte de uma associação de aplicadores no exterior, a qual será abordada a partir do segundo capítulo.

Finalmente, no terceiro capítulo optei por agrupar os aspectos mais enfatizados pelos *sites* na divulgação do *kambô*, demonstrando as variadas formas de entendimento e de apropriação da prática indígena que surgem no exterior. As novas concepções amplamente difundidas no meio urbano na maior parte das vezes destoam do contexto nativo de uso, delimitando sua transformação no afastamento das concepções nativas. Como se das diferenças tão salientes restasse apenas o mesmo objeto, a secreção do *kambô* transformada e multiforme.

Mesmo que o desenvolvimento da pesquisa tenha se dado por vias um tanto diferenciadas e multilocalizada - do deslocamento até o Acre até a busca “sem sair do lugar” de *sites* a partir de um computador em casa -, penso que ela possibilita uma relevante reflexão sobre as formas de apropriação de um conhecimento tradicional indígena em diferentes países e o seu modo de circulação no meio urbano através das divulgações na internet.

CAPÍTULO 1 - FORMAS NATIVAS DE USO DO *KAPUM*

Figura 2 - *Kapum*. Foto: Filipe Ribeiro, 2014.

A aplicação da secreção da perereca *Phyllomedusa bicolor* é praticada por vários grupos indígenas amazônicos, a maioria delespertencentes à família linguística pano e habitantes da região do sudoeste amazônico, mas não somente. A partir da literatura etnológica há o registro do uso do *kapum* em mais de quinze grupos indígenas, pertencentes a cinco famílias linguísticas - pano, aruak, arawa, tikuna e tupi-guarani - e situados em três fronteiras nacionais - Brasil, Peru e Guiana Francesa[10].

No artigo intitulado *Le fleuve Muru* (1925), o padre francês Constantin Tastevin, missionário da Congregação do Espírito Santo que viveu na Amazônia no início do século

[10] Conforme Lima (2009): "Além dos Katukina (Lima 2005), indico, sem qualquer pretensão de ser exaustiva, que existem registros do uso da secreção da Phyllomedusa bicolor entre os Amahuaca (Carneiro, 1972), Kaxinawa (Tastevin, 1925; Kensinger, 1995), Yaminawa (CalaviaSaez, 1995; Perez Gil, 2006), Yawanawa (Perez Gil, 1999), Marubo (MontagnerMelatti, 1985), Matis (Erikson, 1996), Matses/Mayoruna (Milton, 1994), Sharanawa (Siskind, 1973), entre os grupos de língua Pano, e também entre os Tikuna (Carvalho, 1955; Nimuendaju, 1952), Kulina (Tastevin, 1925; Lorrain, 2000), Kanamari (Tastevin, 1925) e Ashaninka (Souza et alii, 2002)". Na continuidade de sua pesquisa sobre o tema, Lima (2014) ainda aponta o registro do uso do kapum entre os Waiãmpi da Guiana Francesa e da família linguística Tupi-Guarani.

passado, registrou o uso do *kapum* em grupos indígenas habitantes da região do alto rio Juruá. Este foi provavelmente o primeiro registro sobre o uso da secreção[11]. (Lima, 2005)

Coleta

Coletar a secreção do *kapum*é uma tarefa que não envolve maiores dificuldades. A busca pelo anfíbio se dá durante a madrugada e o responsável pela tarefa se orienta pelo som característico e peculiar emitido pela perereca. Como ela se movimenta vagarosamente, normalmente nos arredores de igarapés, pegá-la é fácil. Após a captura, amarra-se suavemente as patas traseiras e dianteiras da perereca em galhos, esticando-a pelas extremidades (como se vê na imagem abaixo). Em seguida, o coletor busca provocar o anfíbio - normalmente com cuspidas ou cutucões - para que seja liberada a secreção de sua pele. Nesse momento a pele da perereca é raspada cuidadosamente com uma pequena haste de madeira para a retirada da secreção, que pode ser utilizada logo em seguida ou armazenada em palhetas. Terminada a coleta, a perereca é devolvida à mata.

Figura 3 - Perereca amarrada para coleta da secreção. Fonte: http:///azarius.pt/encyclopedia/84/Kambo/

[11] Carneiro da Cunha (2009) menciona os primeiros registros publicados - etnográficos, zoológico, jornalístico e bioquímico - sobre o *kapum* ao longo do século passado.

Aplicação

A aplicação do *kapum* é cutânea. O aplicador queima superficialmente a pele da pessoa que irá receber a secreção, com um cipó fino em espessura, fazendo "pontos" (modo como são chamadas as queimaduras superficiais) na pele da pessoa. Em seguida a secreção é depositada nos "pontos".[12]

As aplicações são realizadas ao nascer do sol. Recomenda-se que a pessoa que vai receber o *kapum* beba aproximadamente um a dois litros de caiçuma[13] de macaxeira fresca, até ficar com o estômago bem cheio e sentir ânsia de vômito.

A quantidade de *kapum* utilizada por cada um dos grupos (e por cada pessoa) varia. Nos registros sobre o uso do *kapum*, os Katukina aparecem como o grupo que utiliza a secreção em maiores dosagens, seguidos de perto pelos Yawanawa e, em menor escala, pelos Marubo e pelos Kaxinawa (Lima, 2005). Entre os homens o *kapum* é utilizado - em maior dosagem - principalmente como um estimulante cinegético, capaz de aguçar os sentidos do jovem aspirante a caçador e de eliminar a *panema*, funcionando como magia para a caça. As mulheres utilizam o *kapum* para serem fortes, trabalhadoras e para o bom desempenho nas atividades cotidianas. Fora do contexto da caça, mulheres, homens e crianças utilizam o *kapum*, em menor dosagem, para eliminar a preguiça[14]. Também é comum ouvir relatos de aplicações de *kapum* em cachorros que auxiliam nas caçadas.

Nas viagens realizadas à aldeias Yawanawa da TI do rio Gregório, ouvi relatos indicando que a "superdosagem" de *kapum* também é realizada por alguns jovens caçadores Yawanawa. Cabe destacar que Katukinas e Yawanawas mantêm uma relação de muita proximidade, marcada pelas relações de contato e parentesco, ora mais amigáveis, ora mais

[12] Ouvi relatos em campo de que, antigamente, o *kapum* também era utilizado de outras maneiras: colocavam a perereca dentro de um recipiente com água e chacoalhavam. Em seguida a perereca era retirada do recipiente e a água era bebida. Outra forma de utilização era aspirar a secreção em forma de rapé. As informações vão de encontro com os registros de Perez Gil (1999) e de Lima (2005), que registrou a mesma informação entre os Katukina.

[13] Bebida comum a vários grupos indígenas, feita normalmente à base de macaxeira (mandioca) ou de milho, podendo ter como base outros ingredientes. Quando fermentada se torna alcóolica e é apreciada em festas e comemorações.

[14] Segundo Lima (2005, 2009) a falta de ânimo e disposição às atividades produtivas é chamada de *tikish* pelos Katukina, que traduzem o conceito por preguiça.

conflituosas, oscilando entre esses dois pólos. Parte considerável da população Yawanawa descende de uma mulher Katukina que se casou com uma antiga liderança Yawanawa.[15]

Há diferenças nos locais do corpo onde homens e mulheres devem receber a aplicação do *kapum*. Mulheres e homens de idade avançada costumam aplicar a secreção nas pernas. Para fins cinegéticos, homens aplicam o *kapum* nos braços e no peito. Para os Katukina, a diferença nos locais de aplicação entre homens e mulheres se dá pelos seus respectivos trabalhos: mulheres precisam de pernas fortes para a colheita, homens precisam de braços fortes para o roçado e para as caçadas (Lima, 2005).

Durante a pesquisa de campo entre os Yawanawa durante o Festival Yawa de 2014, conversei com três dos mais experientes aplicadores de *kapum* ali presentes, como mencionado na introdução. Um deles é *Kapa kuru*, que também é professor da língua Yawanawa na aldeia.

Segundo *Kapa kuru*, em conversa gravada sobre o uso do *kapum* entre os Yawanawa:

> O kapum é um sapo, mas diferente de outros sapos. É um sapo misterioso, uma medicina que o nosso povo sempre utilizou, pra limpeza do corpo, pra matar caça. Pra tirar o azar que a pessoa pode ter, sempre tomavam também. O modo de tomar kapum dos Yawanawa é: queima a pelezinha do braço, os homens sempre tomam no braço.Yawanawa (homem) não pode tomar kapum na perna não, na perna quem toma é as mulheres. E as mulheres tomam pra ser trabalhadeiras, fortes, boas donas de casa, pra educar seus filhos a levantar de madrugada, porque a educação dos yawanawa é levantar de madrugada, antes do sol nascer. Yawanawa que dorme até 7, 8 horas do dia é preguiçoso com a família, não vai poder educar. E o que que ajuda? A medicina do kapum. Já o homem toma pra matar caça, né (Comunicação pessoal, outubro de 2014).

[15] Os Yawanawa constituem a maioria da população da TI do Rio Gregório, porém a TI é dividida pelos dois grupos, conforme mencionado anteriormente.

Aplicadores

Figura 4 - Tepumã e *kapum*. Foto: Filipe Ribeiro, 2014.

A posição de aplicador de *kapum* não pode ser ocupada por qualquer pessoa. Entre os homens, a aplicação deve ser realizada por caçadores com anos de experiência, virtuosos e com sucesso na prática. É somente com o conhecimento relativo à caça bem estabelecido em seu corpo que o caçador experiente é capaz de transmitir suas qualidades ao jovem que busca aprender e ter um bom desempenho nas caçadas. Ao receber o *kapum* das mãos do velho caçador, o jovem começa a desenvolver e refinar os seus sentidos, especialmente a visão, a audição e o olfato. Entre as mulheres, são as mais velhas e trabalhadoras, experientes em suas atividades cotidianas, que são requisitadas como aplicadoras ideais. Não é recomendado que mulheres e homens jovens exerçam o papel de aplicadores de *kapum*, pois é somente com

anos de experiência e com o conhecimento relativo à prática bem estabelecido e amadurecido em seus corpos é que tais conhecimentos podem ser transmitidos para outrem[16].

Nesse sentido destaco que a secreção do *kapum*, no contexto indígena, não contém as qualidades em si mesma: ela funciona como um veículo de transmissão de conhecimento, de quem aplica para quem recebe (aplicador - perereca - receptor), sendo que a sua eficácia está estreitamente vinculada com as qualidades do aplicador, conforme apontou Lima (2005, 2014).

A fala de *Kapa kuru* sobre os aplicadores de *kapum* reforça estes aspectos do uso nativo:

> (...)É por isso que nós Yawanawa não deixa qualquer pessoa aplicar kapum. Pra aplicar o kapum tem que (ser) pessoa (com) experiência, sábio, conselheiro, que acorda cedo, pessoa que orienta a família, educa os filhos, tem bom relacionamento com a comunidade. Essa pessoa você manda aplicar o kapum(...) (Comunicação pessoal, outubro de 2014).

Efeitos

Os efeitos seguintes à aplicação do *kapum* são fisicamente muito potentes e "desconfortáveis". Entre os efeitos corporais, que começam com um calor intenso no local do corpo em que a secreção foi depositada, tem destaque: a taquicardia, o calor, uma leve pressão nos ouvidos, o vômito, por vezes a diarreia, e o inchaço da região dos olhos e da boca, cuja intensidade varia conforme o número de pontos em que foi feita a aplicação. Para os Yawanawa, a forte reação corporal proporcionada pela aplicação do *kapum* está inserida dentro de um processo maior de "limpeza corporal": expulsar do corpo aquilo que o prejudica, seja o mal-estar, uma doença, a preguiça ou a *panema*. É importante destacar que a preguiça, chamada de *tikish* pelos Katukina, tem um significado muito negativo entre o grupo - e também em outros grupos pano, como os Yawanawa. Sendo um comportamento anti-social,

[16] Arisi (2011) observou que entre os Matis as anciãs é que são requisitadas como aplicadoras, seja para homens, mulheres ou crianças. A autora destacou que nunca presenciou homens aplicando a secreção. A senioridade para habilitar aplicadores, sejam homens ou mulheres, aparece também como requisito entre os Katukina (Lima, 2012)

quem tem preguiça é alguém não engajado na teia social que une as pessoas de um mesmo grupo (Lima, 2005).

Como mencionado anteriormente, antes de receber a aplicação do *kapum*, é recomendado que a pessoa beba mais de um litro de caiçuma de macaxeira. A caiçuma ajuda a facilitar o vômito e deixá-lo mais "macio", fluído. Durante os efeitos, depois de vomitar toda a caiçuma ingerida, é comum que seja expelida ao fim do vômito uma substância esverdeada, que pode atingir tons mais claros ou mais escuros dependendo da quantidade de impurezas acumuladas no organismo de quem toma, segundo os Yawanawa. Esta substância se acumularia no organismo (ouvi relatos de que se acumula no fígado) e eliminá-la significa desfazer-se das impurezas acumuladas no corpo e assim "purificá-lo", limpá-lo[17].

Os Yawanawa recomendam a quem irá receber as aplicações algumas técnicas corporais para amenizar parcialmente os efeitos. Posicionando-se sentado ou de cócoras sob o efeito do *kapum* e inclinando a cabeça para trás, levantando o queixo e cuidando para não abaixar a cabeça ao vomitar, é possível diminuir consideravelmente o inchaço do rosto (principalmente da boca e região dos olhos). Se a pessoa vomita levando o rosto em direção ao chão, o inchaço facial pode durar mais de um dia[18].

Para potencializar a eficácia da prática é recomendado, entre os Yawanawa, completar um ciclo de três aplicações de *kapum* no intervalo de cinco dias, recebendo a aplicação dia sim, dia não e fazendo algumas restrições por aproximadamente uma semana (contando os dias a partir da primeira aplicação). A cada aplicação a quantidade de pontos recebidos aumenta. As restrições consistem em ficar sem comer e beber alimentos doces e se abstendo de relações sexuais durante o período.

Um saber do corpo

Seguindo pelo viés da corporalidade como idioma focal e categoria fundamental de grupos ameríndios (Seeger; Da Matta e Viveiros de Castro, 1979), localizo o *kapum* como um conhecimento que se materializa por meio da experiência corporal. Sendo assim, no contexto

[17] A partir dos relatos que ouvi em campo, expelir esta substância significa que a aplicação foi eficaz. Pela cor diferenciada e pelo amargor intenso, deduzo que possa se tratar da bile, substância presente na vesícula biliar.
[18] Passado alguns minutos dos efeitos, o aplicador derrama água sobre o local do corpo onde foi depositada a secreção e sugere a pessoa um banho de rio.

nativo, o *kapum* pode ser compreendido como uma ferramenta de construção da pessoa por meio da fabricação do corpo.

No artigo intitulado “O saber é estranho e amargo” (Calávia Saez, Carid Naveira e Perez Gil; 2003) os autores dão um exemplo da relação entre o corpo e o saber entre os Yaminawa, também relacionando com os Kaxinawa, outro grupo pano:

> Os sentidos e em geral o corpo são receptáculos e fatores do saber. Vale para os Yaminawa o que Kensinger (1995: 239) explica a respeito dos Kaxinawá: uma pessoa sábia é a que conhece com todo seu corpo, correspondendo diversos saberes a suas diversas partes. O conhecimento estaria assim no coração, o fígado, as mãos. De fato, aprende-se só quando o corpo ingere as substâncias adequadas e exclui outras: as dietas e os ordálios a que o corpo é submetido o fazem assimilar poderes (por meio das ferroadas de vespas e formigas), e o fazem mais leve, limpando-o (usando eméticos como as fezes da jibóia ou determinado tipo de mel). (p.2)

Mesmo que o artigo em questão aborde o corpo e o saber principalmente dentro do universo xamânico, tais aspectos também ajudam a pensar o uso do *kapum* no contexto nativo. Ao ingerir a substância do *kapum* e fazer restrições temporárias, o corpo começa a aprender. Para adquirir as habilidades proporcionadas pelo *kapum* - como o desenvolvimento dos sentidos para as caçadas ou a eliminação da preguiça e da *panema* - o corpo deve passar pela experiência substancial: receber a secreção da perereca e realizar a restrição temporária de alimentos doces e de sexo.

Enquanto conversava sobre o *kapum* com *Naenawa,* caçador Yawanawa,durante a pesquisa de campo, ele me disse em certo momento que se eu quisesse saber mais sobre o assunto teria que "tomar" *kapum* com ele, ou seja, receber a aplicação dele. A partir desta e de outras declarações percebi que para ele e para os outros caçadores Yawanawa, se eu quisesse saber mais sobre o que é o *kapum*, teria de submeter meu corpo à experiência de receber a secreção. Ao meu ver, isso se deve aos modos de compreender "conhecimento" entre os Yawanawa, tendo em vista que o conhecimento passa pela experiência sensorial, como o ver, o ouvir, e no caso do *kapum*o próprio sentir a experiência como um todo.

Ao tomar o *kapum* com *Nainawa* (mesmo não indo pra mata caçar) me dei conta que o ver, o ouvir, o sentir na pele - literalmente - são aspectos fundamentais na transmissão e

assimilação deste conhecimento. Ao receber a secreção da perereca que o corpo reage, purga e aguça os sentidos. Neste sentido considero o *kapum* como um conhecimento do corpo. Sendo um saber transmitido através da pele e da substância, a experiência corporal pode ser considerada elemento central na prática.

Em conversas com alguns homens Yawanawa de meia idade, mencionaram que uma pessoa ideal para me falar sobre o *kapum* era o *Teka*. Me disseram: *"o Teka já está com o couro 'véio' virando couro de sapo"*, por já ter recebido muitas aplicações de *kapum* ao longo dos anos. Sendo um conhecimento de pele para pele, o couro de *Teka* já estaria quase virando "couro de sapo" devido a quantidade de *kapum* recebido ao longo dos anos. Lima (2009, p.147) destacou que na concepção Katukina a quantidade, enquanto longevidade de uma experiência prática, é que confere a sua qualidade, ou seja: "a frequência deuma práxis serve como índice da familiarização, de intimidade mesmocom um conhecimento ou, dito de outro modo, saber e saber-fazer confluem numa única direção". Nesse sentido, tomei a conversa como um exemplo de que é na repetição da prática e com a experiência adquirida que o conhecimento sobre o *kapum* se estabelece e se acumula no corpo, podendo ser transmitido.

Construção do corpo a partir da substância

No artigo "A fabricação do corpo na sociedade xinguana", Viveiros de Castro (1979) argumenta que entre os Yawalapíti o corpo humano necessita ser submetido a processos intencionais e periódicos de fabricação:

> (...) As relações sexuais entre os genitores de um futuro indivíduo são apenas o momento inicial desta tarefa. E tal fabricação é concebida dominante, mas não exclusivamente, como um conjunto sistemático de intervenções sobre as substâncias que comunicam o corpo e o mundo: fluidos corporais, alimentos, eméticos, tabaco, óleos e tinturas vegetais.
> As mudanças corporais assim produzidas são a causa e o instrumento de transformações em termos de identidade social. Isso significa que não é possível fazer uma distinção ontológica - tal como o fazemos - entre processos fisiológicos e processos sociológicos ao nível do indivíduo. (...) Para os Yawalapíti, transformações do corpo e da posição social são uma e a mesma coisa (...). (p. 32)

É interessante notar que o *kapum*, utilizado também como antídoto anti-preguiça (Lima, 2005) vai além de um aprendizado corporal individualizado. A prática está inserida no contexto das relações sociais e proporciona a mulheres, homens e crianças o bom desempenho nas atividades que deles se esperam para a manutenção da dinâmica social. Cabe destacar que no contexto nativo o *kapum* faz parte das substâncias amargas[19], que de modo geral são mais benéficas ao corpo, relacionando-se à boa disposição e à sociabilidade (Lima, 2000).

No artigo intitulado "Corporalidade, ética e identidade em dois grupos pano", Perez Gil (2003) aborda as formas de construção de corpo e da pessoa, tendo como base sua experiência de pesquisa tanto entre os Yawanawa, quanto entre os Yaminawa. A autora parte da ideia de que o corpo é social e culturalmente construído. Nesse sentido, aborda a temática a partir de uma leitura sobre "relações de substância", bem como sobre como as ações dos sujeitos modelam os corpos. Ao longo do artigo Perez Gil apresenta a conceituação de *yura*[20] a partir de três traduções: a primeira seria a noção de "pessoa" enquanto dotada de humanidade, a segunda enquanto "parente", como aquele com quem se estabelece relações de parentesco – dentro ou fora- do grupo, e por último pode designar "corpo".

> Tanto entre os Yaminawa quanto entre os Yawanawa, *yura* siginifica 'corpo', mas aludindo sempre a uma pessoa viva, isto é, ao corpo enquanto ocupado e animado pelos componentes espirituais que conformam a pessoa, fundamentalmente o *huru yuxin/wëro yoxi e o nia vaka/ diawaa.* […] O conceito de corpo condensa o princípio de compartilhamento de substâncias corporais entre parentes próximos, e articula a individualidade com a identidade grupal. Utilizar a ideia de corpo para se referir à coletividade não é uma metáfora: expressa o fato de que o corpo individual não acaba na fronteira imposta pela pele, mas forma parte de um corpo-suprandividual. Desse aspecto do pensamento indígena deriva o princípio de que tudo o que acontece com o corpo de uma pessoa tem repercussões nos corpos das outras que estão ligadas a ela,e portanto no corpo coletivo como um todo. (Perez Gil, 2003:27)

Nesse sentido, utilizo a categoria de *yura* para ajudar a elucidar questões referentes ao processo de construção do corpo entre os Yawanawa por meio da utilização do *kapum*.

[19] A oposição entre substâncias amargas (*muka*) e doces (*vata*) é fundamental entre os grupos Pano. O tabaco, o *kapum*, o rapé e a ayahuasca são exemplos de substâncias *muka*, que se associam à caça e ao xamanismo.
[20] Carid Naveira (1999) analisa detalhadamente o conceito de *yura*.

Se o *yura* Yawanawa é construído a partir de relações de substância, ou seja, por aquilo que se come, que se bebe, que se compartilha, o *kapum* está inserido numa teia de relações substanciais que constroem corpos específicos. Corpos de mulheres trabalhadoras, fortes, boas donas de casa, boas educadoras de seus filhos; corpos de homens corajosos e caçadores; corpos de crianças bem dispostas; corpos estes que constituem o *yura* coletivo do grupo a partir da troca substancial. Todo o processo de aplicação do *kapum* consiste em relações substanciais.

No mesmo artigo, Perez Gil (2003) menciona:

> Nem os Yaminawa nem os Yawanawa contam com rituais análogos aos que encontramos entre Matis e Kaxinawa, cujo objetivo é fortalecer o corpo dos indivíduos mais novos. Porém compartilham com eles determinados critérios referentes às características ideais que deve ter o corpo, que se resumem fundamentalmente no conceito de *kërësh*, referido às qualidades de fortaleza, dureza, resistência. Esse ideal está relacionado com um modelo de beleza, mas sobretudo com um modelo de comportamento ético, definido fundamentalmente pela capacidade de trabalhar e pela generosidade.
> Em ambos os grupos, um dos defeitos mais criticados e desprezados é ser preguiçoso, *shani / shadi*, sendo que esta palavra é frequentemente utilizada como ofensa. O outro grande defeito, cuja condenação é um dos principais preceitos morais comum a muitos grupos amazônicos (Descola 1998), é a avareza, ser *yuwaxi / wisko bitsai*. Em seu estudo sobre os Matis, Erikson (1996: cap. XV) considera que os dois conceitos estão intimamente ligados, na medida em que, de um lado, ser preguiçoso pode se entender como ser mesquinho com o próprio corpo, com a própria força de trabalho; e de outro, aquele que não desenvolve adequadamente a sua atividade produtiva não está em condições de ser generoso. Efetivamente, entre os Yaminawa e Yawanawa, o homem que não vai caçar e não consegue carne para repartir não é apenas preguiçoso, mas é também mesquinho, já que ele recebe carne de caça das outras pessoas, mas ele não retribui na mesma medida. Em ambos os casos o que está em jogo são as relações interpessoais. Dar alguma coisa que é solicitada, especialmente se o requerente é um parente próximo, é um imperativo, sendo que negar a solicitude pode desencadear a quebra de relação. (p. 29)

Novamente vemos que no contexto pano que a preguiça é um comportamento altamente depreciado e que a construção do corpo está inserida, sobretudo, no âmbito das relações sociais. Sendo a preguiça um comportamento que atrapalha a dinâmica social que

une as pessoas de um mesmo grupo, o uso do *kapum* é capaz de lubrificar a maquinária sociológica (Lima, 2005) proporcionando a mulheres, homens e crianças a construção de um corpo forte e endurecido, capaz de realizar plenamente as atividades esperadas para a manutenção das relações inter-pessoais.

Nesse sentido, resta claro que o uso nativo do *kapum* constitui-se como um saber ligado à corporalidade, um conhecimento que se materializa a partir da experiência corporal, dos sentidos. A prática pode ser considerada como uma ferramenta construção de corpos específicos no contexto indígena: corpos de mulheres fortes e trabalhadoras, corpos de homens caçadores, corpos de crianças bem dispostas, aptas a aprenderem o que lhes ensinarem, corpos estes capazes de manter o bom desenrolar das dinâmicas sociais.

Feitas estas considerações sobre o *kapum*, passo agora para uma contextualização da expansão urbana da prática e para a descrição dos *sites*, realizada a partir da pesquisa na internet.

CAPÍTULO 2 - EXPANSÃO URBANA E DIVULGAÇÃO NA INTERNET

A partir do início deste século, notícias sobre o uso do *kapum* começaram a circular com frequência em veículos de comunicação de massa, como revistas e jornais. Antes do uso da secreção virar notícia, o ex-seringueiro Francisco Gomes - que viveu próximo aos índios Katukina nas proximidades do rio da Liberdade, no final da década de 60 - aparece como o principal responsável pelo início da difusão urbana do *kapum* em território nacional. Francisco recebeu dos índios o nome de *Shimbam* e aprendeu sobre a vacina do sapo nesse período (Lopes, 2000)[21]. Posteriormente, o ex-seringueiro foi morar em Cruzeiro do Sul e começou a aplicar *kapum* em habitantes da cidade. Segundo Lopes (2000), foi na década de 90 que Francisco realizou as primeiras aplicações de *kapum* em grandes centros urbanosdo país após conhecer, por intermédio de um amigo de Cruzeiro do Sul, o médico e professor da USP Glacus de Souza Brito[22], membro da religião ayahuasqueira União do Vegetal - U.D.V[23].

No ano de 2001, ano de falecimento de Francisco Gomes, a revista acriana *Outras Palavras* inaugurou uma série de reportagens[24] sobre o uso do *kapum*. A reportagem descrevia o uso da secreção entre os Katukina e entre seringueiros. Em 2002 o uso do *kapum* foi divulgado pela primeira vez na televisão. Em 2003 um jornalista carioca, Zuenir Ventura, publicou um livro sobre o líder seringueiro Chico Mendes e sobre o Acre e dedicou um capítulo à descrição do uso da secreção na capital Rio Branco (Lima e Labate, 2008). Ainda em 2003, foram publicadas pelo menos treze matérias sobre o *kapum* em jornais de grande circulação de Rio Branco. Por conta do crescente uso para as mais diversas finalidades e de divulgações feitas principalmente num sítio eletrônico da internet, em 2004 a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) proibiu a propaganda do *kapum*.[25] Notícias sobre

[21] Maiores detalhes sobre o início da difusão urbana do *kapum* e sobre a trajetória de Francisco Gomes neste contexto estão presentes no trabalho de conclusão de curso do jornalista Leandro Altheman Lopes, intitulado: *Kambô, a medicina da floresta (experiência narrativa),* publicado em 2000. Cabe destacar que Leandro era genro de Francisco.

[22] Segundo Lopes (2000), Glacus Brito era médico geral da família e investigador na área de doenças infecciosas. Ele recebeu a aplicação de *kapum*de Francisco e sua experiência atraiu a atenção de membros da comunidade médica e de pessoas interessadas em "alternativas à medicina convencional". Glacus Brito faleceu recentemente, em novembro de 2016.

[23] Ao lado do Santo Daime e da Barquinha, a União do Vegetal - U.D.V. é uma das três grandes religiões ayahuasqueiras brasileiras. Assim como o Santo Daime, tem sede em várias cidades do Brasil e do exterior.

[24] Até então, registros sobre o uso do *kapum* estavam restritos ao meio acadêmico (Lima; Labate, 2007).

[25] Em 30 de abril de 2004, a ANVISA publicou a seguinte determinação: *"Está suspensa, em todos os veículos de comunicação do Brasil, qualquer propaganda do suco Tahitian Noni e da Vacina do Sapo Kambô que atribua propriedades terapêuticas a esses produtos. A determinação é da Anvisa e foi publicada nesta sexta-feira, dia*

o*kapum* continuaram a aparecer em jornais do Acre em 2004, até que no mês de outubro do mesmo ano a revista *Globo Rural* trouxe estampada na capa a foto da perereca *Phyllomedusa bicolor* nas mãos de um Katukina. A matéria publicada pela revista descreveu o uso tradicional do *kapum* e denunciou a biopirataria na Amazônia envolvendo a secreção. Já em 2005, foi a vez do jornal *Folha de São Paulo* publicar uma matéria sobre o *kapum*, mas desta vez o foco era o recente e crescente uso da secreção em clínicas de terapias alternativas de São Paulo. Desse modo, o *kapum* ficou amplamente conhecido no território brasileiro em um curto espaço de tempo (Lima, 2005).

Em meio a chegada do *kapum* nas cidades, terapeutas alternativos ligados a religiões ayahuasqueiras iniciaram parcerias com índios Katukina, que envolviam a ida de índios a grandes centros urbanos para realizar aplicações da secreção, inserindo assim o *kapum* num circuito neo-xamânico.

Voltando ao ano de 2003, ano de maior repercussão de notícias sobre o *kapum* na mídia como já mencionado, os Katukina enviaram uma carta para a ex-ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, solicitando que o Ministério do Meio Ambiente - M.M.A. coordenasse um grupo de estudos sobre o *kapum*. A carta deu início ao Projeto *Kampô* (Carneiro da Cunha, 2009; Lima, 2009; Góes, 2009; Martins, 2006) que tinha como objetivo reunir índios e pesquisadores visando principalmente a regulamentação do uso por não-indígenas e a valorização e o aproveitamento econômico dos conhecimentos indígenas no que diz respeito ao uso da secreção. A tentativa era de transformar o caso em um exemplo positivo de reconhecimento de direitos intelectuais indígenas sobre conhecimentos tradicionais (Carneiro da Cunha, 2009), no entanto o projeto não chegou a começar e foi interrompido em 2007,[26] explicitando a complexidade de questões que envolvem propriedade e repartição de benefícios de conhecimentos tradicionais compartilhados por várias populações, entre outros aspectos.

---

30 de abril, no Diário Oficial da União por meio da Resolução - RE nº 7, da Resolução - RE nº 8 e da Resolução - RE nº 9, todas de 29 de abril de 2004. (...) A Agência determinou a suspensão de toda propaganda com alegações de propriedades terapêuticas e/ou medicinais, veiculadas em todos os meios de comunicação, da Vacina do Sapo, por meio da Resolução - RE nº 8. (...) ". Disponível em: http:// http://www.anvisa.gov.br/divulga/noticias/2004/300404.htm

[26] Para a implementação de fato do projeto houveram problemas de falta de acordo com os cientistas, envolvendo "questões de propriedade intelectual e de repartição de benefícios relacionados a novos produtos advindos de atividades de bioprospecção a partir destes compostos", entre outras questões (Lima, 2009; 2014). Antes do Projeto ser interrompido, Homero Moro Martins (2006) publicou a dissertação de mestrado intitulada: *Os Katukina e o kampô: aspectos etnográficos da construção de um projeto de acesso a conhecimentos tradicionais*.

Enquanto o Projeto *Kampô* foi interrompido em virtude da dificuldade de ultrapassar a complexidade da legislação nacional (ou mesmo as convicções dos cientistas sobre a contribuição dos conhecimentos indígenas à parte científica da iniciativa), entre os terapeutas *new age* a valorização do *kapum* continuou a ser reforçada, com destaque para a valorização da ancestralidade do conhecimento nativo (Lima, Labate 2007; Lima, 2014).

Difundido inicialmente no meio urbano através do ex-seringueiro Francisco Gomes e posteriormente por meio de terapeutas ligados às religiões ayahuaqueiras, o uso do *kapum*rapidamente se expandiu para além do território nacional, num processo semelhante ao ocorrido com a ayahuasca. A expansão do *kapum* no meio urbano, via ayahuasca, contribuiu para uma aproximação do *kapum* ao xamanismo nestes contextos (Lima, 2014).

Voltando ao que diz respeito à repercussão jornalística, no ano de 2006 o jornal *New York Times* publicou uma matéria sobre o *kapum*, marcando um novo momento da difusão da secreção, a sua internacionalização[27].

Traçado o breve itinerário da difusão urbana do *kapum*, passo agora para o que considero como a segunda etapa deste trabalho: a pesquisa realizada em sítios eletrônicos da internet que promovem e divulgam o uso do *kapum* ou vendem a secreção.

O *kambô* na rede: divulgação da prática na *internet*

Antes de prosseguir, volto a questão terminológica, mencionada na introdução. Se até aqui optei por utilizar o termo *kapum* em virtude do trabalho de campo entre os Yawanawa, a partir de agora utilizo o termo *kambô* para me referir à prática, tendo em vista que o termo está presente em todos os *sites* a que tive acesso durante esta etapa da pesquisa.[28]

Neste novo momento de expansão internacional do *kambô* tornou-se possível encontrar as mais diversas informações sobre a prática na *internet* (Lima, 2014). Durante a realização de minha pesquisa de iniciação científica[29], concluída em julho de 2016, selecionei alguns sítios eletrônicos, principalmente do exterior, para obter exemplos de como se dá a

[27] Lima (2014) desenvolve o tema da internacionalização da secreção no artigo intitulado: *A internacionalização do kampô (via ayahuasca): difusão global e efeitos locais*.

[28] Mesmo que o termo *kambô* seja predominante no contexto urbano de uso da secreção, cabe destacar que o antropólogo Terri Aquino, em comunicação pessoal com Edilene C Lima, informou que ouviu de Raimundo Luiz (liderança Yawanawa, já falecido) que *kambô* era o modo "antigo" como os Katukina chamavam a perereca (Lima, 2005).

[29] *O kampô na rede: difusão de uma prática tradicional indígena na web* (2016)

divulgação do *kambô* fora do país. Também tentei encontrar sítios eletrônicos brasileiros que divulgam e promovem o uso do *kapum* pelo país, porém não tive muito sucesso. Encontrei nesse período apenas dois sítios eletrônicos brasileiros que divulgaram aplicações de *kambô*, através do *google.com*. Um deles foi o site *villaromai.blogspot.com.br*, que divulgou aplicações de *kambô* em maio de 2015 em Porto Alegre, realizadas por um líder espiritual representante dos povos Fulniô e Kariri-Xocó[30]. O outro site encontrado foi o *www.florestadosunicornios.org.br*, que divulgou um retiro ocorrido em abril de 2015, em São Paulo, em que a aplicação do *kambô* apareceu numa lista de atividades disponíveis, mais especificamente em "rituais de cura com plantas sagradas e medicinas adicionais", ao lado da ayahuasca, rapé e *sananga*[31]. No *folder* de apresentação do retiro, constava a foto dos facilitadores (representantes do instituto Floresta dos Unicórnios) e de um índio Huni Kuin. Ao meu ver, a dificuldade em encontrar *sites* brasileiros divulgando a prática pode ser entendida ao se levar em conta a determinação da Anvisa, de 30 de abril de 2004, que proíbe a propaganda do *kambô* no Brasil, como citado há pouco.

Sendo assim, tanto para a pesquisa de iniciação científica quanto para a elaboração desta monografia, optei por manter o foco em *sites* que divulgam e promovem o uso do *kambô* no exterior. Através da pesquisa nestes sítios eletrônicos foi possível fazer um mapeamento inicial da recente expansão do *kambô* ao redor do mundo para em seguida descrever informações utilizadas na divulgação da substância contidas em cada site. Assim, busquei refletir sobre os modos como um conhecimento tradicional indígena utilizado principalmente para fins cinegéticos e para eliminar a preguiça e a panema no contexto nativo, vem a se tornar uma substância com novos significados, ao qual se atribui um amplo potencial terapêutico e utilizada para diversos "outros fins" no contexto urbano.

Recolhi dados de oito *sites* estrangeiros, sendo: um da Alemanha *(ayakambo.com)*, um do Chile *(www.medicinakambo.cl),* dois dos Estados Unidos *(kambocleanse.com*e *kambomedicina.com)*, um da Holanda *(kambo.nu),* um do Peru *(sacredvalleytribe.com)* e dois do Reino Unido *(iakp.org e vivakambo.com)*.

Iniciei a pesquisa na internet buscando por grupos sobre o *kambô* na rede social *facebook.com*. Quando digitei *kapum*ou *kampô* na barra de busca da página inicial, não houve rendimento algum. Já quando digitei *kambô* apareceram os mais diversos grupos,

[30] Aqui chama a atenção o fato de que o uso da secreção não é prática tradicional destas etnias.
[31] Os Kaxinawa e os Yawanawa chamam de *sananga* um colírio feito a partir da raiz de um arbusto. O colírio também começou a ser difundido e comercializado no circuito das terapias alternativas.

comunidades e páginas sobre o tema, entre elas a comunidade *Kambo cleanse*. A página é a de maior destaque do *facebook*, "curtida" por 6.337 pessoas.[32]

Feitas estas breves considerações sobre a pesquisa na internet, a seguir faço uma descrição dos *sites* escolhidos.

kambocleanse.com

Figura 5 - Página inicial do site *KamboCleanse*

Este foi o primeiro *site* a que tive acesso, através da comunidade *kambo cleanse* presente na rede social *facebook*. Desde as primeiras visitas até as mais atuais o site teve algumas mudanças, principalmente em sua estética e na organização dos *links* e informações.

Na página inicial, como se vê acima, há o nome do *site* entre imagens de um sapo meditando e seis *links*, sendo o primeiro "Home". Logo abaixo tem destaque a frase "Safe, legal and transformative *Kambo* ceremonies". Em seguida há um compilado de várias fotos que se revezam, com destaque pra fotos da perereca Phyllomedusa bicolor, fotos de índios

[32] Visualizado pela última vez em 14/11/2016.

Yawanawa, fotos do responsável pelo site, Simon Scott[33], e também fotos de palhetas (objeto onde a secreção é armazenada seca) de *kambô*.

A página inicial do site conta com fotos seguidas de pequenos textos. Em "What is *kambo* - and how can *kambo* help me?" há informações gerais sobre a prática. No texto, o *kambô* é definido como "um mestre da alquimia" capaz de "purificar impurezas encontradas nas cinco camadas da existência" e de limpar o corpo, as emoções e o espírito. Destaque para uma menção de Simon de que vem combinando o *kambô* com Yoga, meditação e ayurveda em seus trabalhos.

Na sequência em "*Kambo* step by step" há seis imagens que ilustam um "passo-a-passo" da aplicação do *kambô*, acompanhadas de pequenos textos que explicam o processo. São fotos da perereca, da secreção armazenada em palhetas, de um braço sendo queimado e recebendo a secreção e a foto de um homem com o rosto inchado vomitando sob efeito do *kambô*.

Seguindo na página inicial há uma pequena história intitulada "The history of *kambo*", que relata uma suposta "lenda Kaxinawa", precedida de uma foto de um índio recebendo a aplicação do *kambô* no peito. Resumidamente, a lenda conta que após vários membros da aldeia adoecerem, um curador chamado *Kampu* recebeu dentro da floresta, sob efeito da ayahuasca, o conhecimento sobre como aplicar o *kambô*. Ele voltou para a aldeia e curou as pessoas com seu novo conhecimento e após morrer se transformou no próprio *kambô*.

Ao lado de cada texto da página, no canto esquerdo ou direito, alternadamente, seguem depoimentos de pessoas que receberam aplicações de *kambô* de Simon, relatando brevemente suas experiências e agradecendo a Simon.

Após a "pequena lenda Kaxinawa", o texto seguinte se chama "The traditional uses of *Kambo* - and how its used for more than health". O texto afirma que o *kambô* é usado dentro das "tribos" fisicamente contra a malária, picadas de cobra, febres, para aumentar a fertilidade e, inversamente, para o aborto, para reduzir dores no corpo e inflamações e para curar infecções virais e bacterianas. Na sequência, é mencionado que talvez o mais interessante seja a utilização contra a panema, definida pelo site como "energias escuras, pesadas ou negativas que se manifestam como má sorte, doença, depressão, preguiça e falta de clareza". Por fim o

[33] Simon é o estrangeiro que conheci durante o Festival Yawa de 2014 antes de começar a fazer a pesquisa na internet, a quem me referi na introdução.

texto destaca que o *kambô*é por vezes utilizado antes da caça pois diminui o cheiro humano e torna o caçador "invisível" para a presa, e é mencionado que as "tribos" estão bem cientes de que o *kambô* aumenta a velocidade e a resistência, o que dá uma enorme vantagem ao caçador.

O último texto contido na página inicial é intitulado "The science of *Kambo* - the magic of *Kambo* peptides". Antes do texto, tem destaque a foto de uma perereca Phyllomedusa bicolor tendo sua pele raspada por um índio para a retirada da secreção. Sobreposta à imagem há o desenho de uma fórmula molecular química para enfatizar o caráter científico das informações que vem a seguir[34]. O texto traz informações das pesquisas do cientista Vittorio Esrpamer (1909-1999), bioquímico italiano indicado ao prêmio Nobel que realizou estudos sobre os peptídeos contidos na pele de anfíbios e dedicou especial atenção à *Phyllomedusa bicolor*, publicando uma série de artigos sobre o tema.[35]

Ao final da página consta a informação de que Simon é um *master pracctioner* de *kambô* e um consultor ayurvédico, com mais de cinco anos de trabalho com *kambô* e um histórico de 100% de segurança, e que está registrado com a IAKP. A sigla funciona como um link que direciona o visitante ao *site* iakp.org, o qual será descrito mais adiante.

Voltando ao topo da página inicial, o segundo link intitulado "Testimonials" reúne uma série de depoimentos de pessoas que receberam aplicações de *kambô* de Simon. Alguns dos depoimentos mais breves são os mesmos que vem ao lado dos textos da página inicial. Há também depoimentos detalhados e extensos.

O terceiro link da página inicial se chama "Blog" e contém vídeos, artigos e reportagens sobre o *kambô*. Destaque para artigos sobre o *kambô* entre os Matsés e para um vídeo em que Simon recebe a aplicação de *kambô* em uma aldeia Yawanawa.

Em seguida, o link "About" abre uma nova página do *site* intitulada "About *Kambo* Cleanse - Our options for working together", onde Simon oferece ao visitante pacotes de aplicação de *kambo* na cidade de Sedona - Arizona e em Los Angeles - Califórnia, com o preço de 225 dólares uma aplicação e 625 dólares três aplicações. Simon também oferece a realização de aplicações de *kambô* em retiros espirituais em um anúncio intitulado "Invite me to your spiritual retreat", onde menciona que o *kambô* é excelente antes de Yoga, meditação e

[34] A imagem pode ser visualizada em Anexos, figura 13.

[35] No artigo *"Cultura" e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais*, Carneiro da Cunha (2009) dedica um tópico à trajetória acadêmica de V. Erspamer.

que combina com "outros medicamentos naturais" como a Ayahuasca e o São Pedro. Ainda há uma última opção chamada "Arrange your own *Kambo* Circle" onde Simon sugere ao visitante organizar um círculo de *kambô* e convidá-lo para realizar as aplicações, oferecendo aplicação gratuita ao organizador do círculo e a mais uma pessoa. Ao final das opções ofertadas, Simon conta um pouco de sua história no texto "About Simon - A little bit of my story" que vem junto de uma foto sua. Resumidamente, no texto Simon conta que fez mestrado em artes em computação gráfica e trabalhou com efeitos visuais em comerciais de televisão e em filmes para grandes marcas e estúdios, abriu uma empresa, teve sucesso imediato, mas passados alguns anos teve problemas com estresse e depressão e resolveu se afastar de sua antiga carreira. Simon relata que, sentindo-se perdido e com a depressão aprofundada, foi para a Colômbia, bebeu ayahuasca com um xamã e começou a encontrar clareza. Posteriormente, em uma de suas viagens a Colômbia, conheceu o *kambô*, recebeu seus primeiros 11 pontos, desmaiou e acordou se sentindo invencível e profundamente limpo. Ele conclui afirmando que assim começou seu caso de amor com o *kambô*.

O quinto *link* da página inicial chamado "Supplies" abre uma nova página com o título "*Kambo* Cleanse Supplies - A curated collection of natural medicines & accessories" que vem acompanhado de uma imagem que chama a atenção. É o desenho de um índio norte-americano ornamentado de penas, colares e pulseiras, sentado em posição de meditação e com quatro braços - dois deles segurando um grande cachimbo, um segurando um vaso saindo fumaça e outro segurando uma pedra. Junto dele ao chão há uma caveira do crânio de um veado, caveiras de crânios humanos, cristais, um pote de botões de peyote, um pote de cogumelos que aparentam ser da espécie *psilocybe cubensis* e um cogumelo *amanita muscaria*.[36] Nesta página Simon oferece à venda rapé Yawanawa e rapé Katukina, curipes e tepis Yawanawa (objetos utilizados para a aplicação de rapé) além de sananga Yawanawa e faz breves descrições a respeito[37]. Logo abaixo destes anúncios destaque para um pequeno texto intitulado "disclaimer" - que quase passa imperceptível por estar escrito numa tonalidade semelhante a cor de fundo da página - advertindo que os "produtos naturais" em questão são oferecidos pelo valor etnográfico e histórico, e que as informações não devem ser interpretadas como recomendação para um uso específico, sendo responsabilidade do cliente o uso. Fechando a página, Simon ainda oferece à venda dois suplementos alimentares ayurvédicos.

[36] A imagem pode ser visualizada em Anexos, figura 14.
[37] Nas descrições sobre o rapé e a sananga, o site *katukina.com* é indicado para maiores detalhes.

Por fim, no último link contido no topo da página inicial intitulado "Contact" o visitante pode marcar em qual pacote de aplicação de *kambô* ofertado pelo site está interessado, deixar contato para reservar a participação e conferir as próximas datas de aplicações em Los Angeles.

iakp.org

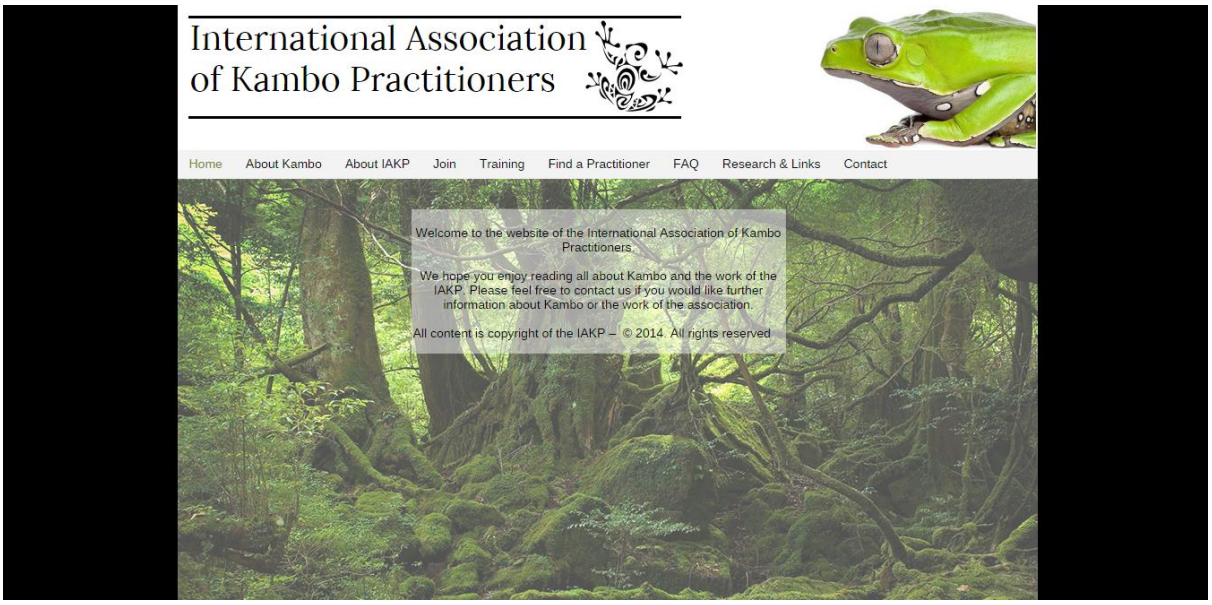

Figura 6 - Página inicial do site *IAKP*

Como mencionado acima, através do primeiro site encontrado na pesquisa, kambocleanse.com, tive acesso ao site da *International Association of Kambo Practitioners*- IAKP (Associação Internacional de "praticantes" do *kambo*). O site traz diversas informações sobre o *kambô* e sobre a Associação.

No link "about *kambo*" um texto explica o que é o *kambô*, onde vive a perereca, e traz informações sobre os primeiros registros do uso do *kambô*, citando o padre Tastevin e o jornalista Peter Gorman[38]. A "pequena lenda kaxinawa" que consta no site kambocleanse.com também é mencionada. Os nomes de alguns personagens começam a se repetir: o texto

[38] O norte-americano Peter Gorman foi o primeiro a descrever a própria experiência de receber a aplicação do *kambô* e ter seu relato publicado. O registro foi sobre uma aplicação entre os Matsés em 1986 e foi publicado em um artigo em 1993. O jornalista trocou cartas com Vittorio Erspamer e chegou a enviá-lo um espécime da perereca viva, vinda dos Matsés (Carneiro da Cunha, 2009), portanto pode ser considerado um pioneiro na expansão de notícias sobre o *kambô*.

discorre brevemente sobre o ex-seringueiro Francisco Gomes e sobre o cientista italiano Vittorio Erspamer. Também há informações sobre a determinação da Anvisa, mencionada anteriormente, e sobre várias patentes do *kambô* criadas nos Estados Unidos, segundo o site mais de 70.

Em ″about IAKP″,o texto informa que a associação funciona como um órgão regulador de "praticantes" do *kambô* fora da floresta Amazônica, e que os códigos de conduta da associação estabelecem as diretrizes para a utilização segura e responsável do *kambô*. O site se define como uma "fonte ou corpo de conhecimento" conectado com: "a ivestigação, as contribuições dos melhores praticantes, o feedback do cliente, informações sobre os próximos "círculos de tratamento", encontrar um médico treinado, cursos de formação e informações gerais sobre o *kambô*". Nesse link ainda indica-se que a associação está empenhada em garantir a sustentabilidade das tribos que possuem o conhecimento do *kambô*, e que junto de outros participantes chave estão trabalhando em planos para fornecer recursos educacionais e de saúde para comunidades remotas Matsés do Peru.

No link "Join", há uma especificaçãodos três níveis possíveis de adesão à IAKP. Os níveis são: *Master*, *Practitioner* e *Associate.* O nível *Master* é reservado a "profissionais que tenham experiência de trabalho com o *kambô*" de quatro anos ou mais. O texto destaca que ser membro integrante desse nível dá a pessoa a oportunidade de participar da gestão da IAKP e representar a associação em eventos na mídia. O nível *Practitioner* é para "profissionais treinados pela associação" com qualquer nível de experiência, e permite a pessoa ser listada no site como "praticante". O nível *Associate* é para "membros do público interessados", e permite apoiar o trabalho da IAKP e receber um email mensal do site que enumera os próximos "círculos de tratamento" em todo o mundo. Após explicar os três níveis de adesão à IAKP, o site expõe os valores da assinatura anual de cada nível (*Practitioner* £ 75, *Associate* £ 25 e *Master* somente por convite).

Em seguida, o link "Training" reúne informações sobre os treinamentos para se tornar um "praticante" do *kambô*. O texto informa que antes da IAKP, as oportunidades para uma "formação" eram muito difíceis e invariavelmente envolviam viagens para a Amazônia para encontrar um "professor voluntário". No decorrer do texto, explica-se que é perigoso "tomar *kambô*" com pessoas não treinadas, e que o *kambô* é totalmente seguro quando admnistrado por um "profissional devidamente treinado". Em seguida, há uma lista de contra-indicações para o uso do *kambô*, entre elas: problemas cardíacos graves, cirurgia de transplante de

órgãos, gravidez ou amamentação de criança menor de um ano, pressão arterial muito baixa controlada por medicação e condições de saúde mental grave. Por fim, o texto indica onde ocorrerão os próximos treinamentos.

O próximo link do site chama-se "Find" *a practitioner* e indica onde se encontram os "praticantes" do *kambô* ao redor do mundo associados a IAKP. Há *practitioners* na Argentina, Austrália, Bélgica, Canadá, Emirados Árabes, Irlanda, Alemanha, Holanda, Itália, Espanha, Nova Zelândia, Dinamarca, Noruega, Polônia, Portugal, Suécia, Suíça, Reino Unido, Uruguai e Estados Unidos.A lista de *practitioners* é consideravelmente maior em comparação às minhas primeiras visitas feitas ao site, durante a pesquisa de iniciação científica. Simon Scott, do site kambocleanse.com, é um dos seis *master pracctioner* listados atualmente.

Por fim, há a exposição de uma lista de referências de artigos científicos em pdf e um campo para entrar em contato com a associação.

medicinakambo.cl

Figura 7 - Página inicial do site *Medicina Kambo*

O site é chileno e está em espanhol. Na página inicial cinco fotos se revezam como imagem de fundo. São fotos da floresta, provavelmente a amazônica, e da perereca *Phyllomedusa bicolor*, como se vê na imagem acima. Ainda na página inicial do site, no canto superior esquerdo, há um "menu" que dá acesso a 7 links, entre eles o "Medicina *kambo*", que

traz informações sobre o que é o *kambô* e sobre os Katukinas; "Testimonios", que traz depoimentos em vídeo de pessoas que relatam curas recebidas e benefícios através do *kambô*; e "Reportajes", onde há vídeos de reportagens chilenas sobre o uso do *kambô*. Nos links restantes há uma galeria de fotos de chilenos com índios Katukinas e aplicações de *kambô* sendo realizadas. Também há um campo onde é possível entrarem contato com os responsáveis pelo site.

O primeiro link do menu, "Medicina *kambo*", contém pequenos textos informativos. O primeiro texto indica que o *kambô* "limpa e purifica o corpo, nivela e alinha os chacras e trabalha em três campos: o físico, o mental/emocional e o espiritual". Também indica que o *kambô*" atua nos corpos sutis, na percepção em geral, na intuição e nos sonhos, na terceira visão, no inconsciente e nos bloqueios que impedem o fluxo da energia vital." Ao final do primeiro texto, é indicado que o trabalho com o *kambô* vem obtendo bons resultados no tratamento de pessoas com "imunidade baixa, dores e inflamações em geral, cansaço, tendinite, dor de cabeça, asma, renite, alergia, úlcera, diabetes, prisão de ventre, problemas de pressão arterial e circulação, colesterol alto, cirrose, stress, irregularidade menstrual, redução da libido, depressão, crise de pânico, dependências, entre outros".

O segundo texto, intitulado "Nación Katukina", traz informações sobre o grupo Katukina. O texto indica que os Katukinas se autodenominam Nuke Kui e que são uma nação formada por diversos clãs, dando como exemplo os clãs Varinawa, Satanawa e Waninawa. Explica-se que o nome Katukina foi dado a eles pela sociedade branca. Após informar que os Katukinas usam o *kambô* tradicionalmente, o texto traz informações sobre a Associação Katukina do Campinas - AKAC, entidade fundada ao final dos anos 90. Nesse momento, o site expõe um logo da AKAC, acompanhado de outro pequeno texto que informa os objetivos da AKAC.

O terceiro texto, intitulado "Historia *Kambo*", descreve uma suposta "história tradicional Katukina" sobre a origem do *kambô*. Resumidamente, a história conta que desde muitos anos, entre os Katukinas se narra que o *Kampo* era um pajé muito poderoso que morreu e se transformou em rã. Antes de morrer ele disse que iria ajudar a curar enfermidades, e assim "tem se mantido vivo através dos anos o espírito do pajé, vivo na rã

amazônica".[39] Antes de ler essa história no site ainda não havia me deparado com nenhuma narrativa tradicional sobre o uso do *kambo* entre os Katukinas, nem na literatura pano, de acordo com minha orientadora (Edilene C Lima, informação pessoal, 2016). O mais próximo foi no site kambocleanse.com, onde consta uma "história Kaxinawa" sobre a origem do *kambô*, conforme mencionado anteriormente.

Navegando pelo site se pode ter acesso a um outro link, que não consta no "menu" da página inicial, chamado "Mas medicinas naturales". Neste link, o site descreve o que chamam de "terapias humanizadas para o tratamento e prevensão de enfermidades do corpo, alma e emoções". Os responsáveis pelo site se apresentam e se identificam no texto como "terapeutas naturais complementares", formados pelo "Instituto del Medio Ambiente" -IDMA, e afirmam que estão trabalhando com o *kambô* após serem formados e instruídos por pajés Katukina. Por fim, o site oferece uma lista de terapias, entre elas: essências florais de Bach e Califórnia, reflexologia, massagem shiatsu zen, yoga e yogaterapia e massagem de relaxamento. Para agendar horário e consultar sobre os tratamentos e sobre os valores, os terapeutas Miguel Angel e Daniel deixam telefone e email ao final do texto.

vivakambo.com

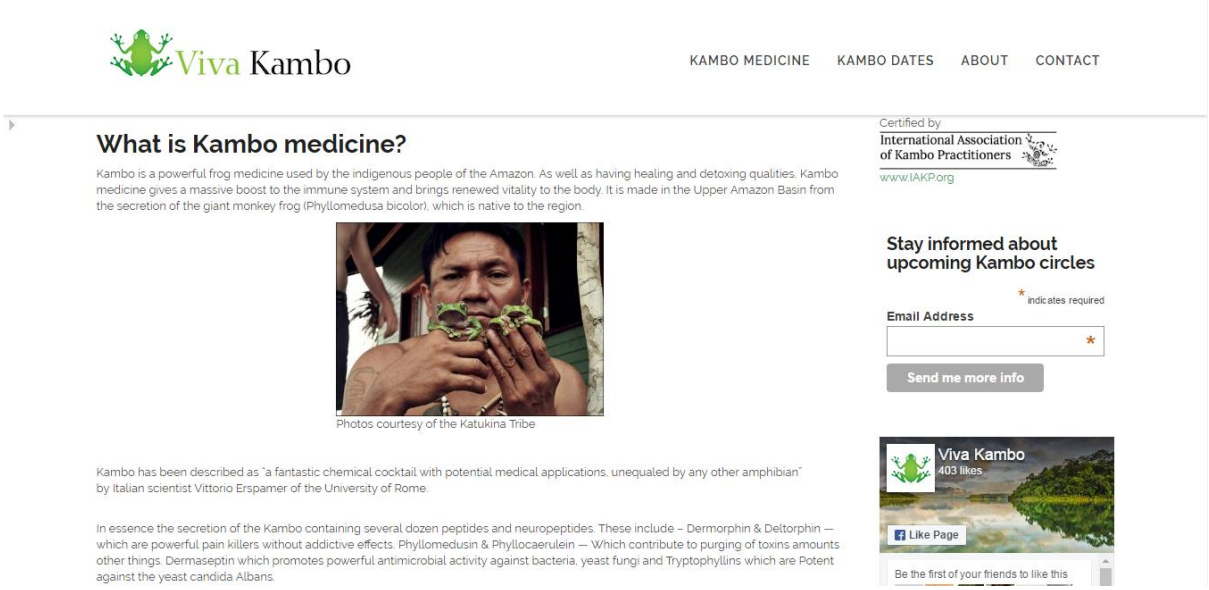

Figura 8 - Página inicial do site *VivaKambo*

[39] Na sequência do texto, é relatado que há uma época do ano em que o *kambo* canta e as pessoas da comunidade sabem que é uma época boa pra casar. Também descreve-se que o pajé e seus ajudantes fazem um ritual para pegar o *kambô*.

O *site* está em inglês edivulga aplicações de *kambô* em países da Europa, da Ásia e também nos Estados Unidos[40]. Na página inicial, ao lado do nome do *site*, há o desenho de uma perereca e no canto superior direito, abaixo de quatro links, há um certificado da IAKP junto de um link para o site iakp.org. Logo abaixo, o visitante pode deixar seu email para manter-se informado sobre os próximos círculos de *kambô* oferecidos no site e em seguida há uma imagem do grupo Viva Kambo da rede social *facebook.com*.

Em destaque na página inicial, como se vê na imagem acima, a pergunta: "What is *kambo* medicine?"Após a resposta de que se trata de uma "poderosa medicina da floresta" que traz renovada vitalidade ao corpo e ajuda o sistema imunológico, há na parte central da página em destaque a foto de um índio Katukina, segurando duas pererecas *Phyllomedusa bicolor* nas mãos. Logo após a foto, um pequeno texto informa sobre os peptídeos da pele da perereca e cita Vittorio Erspamer.

A pergunta seguinte na página inicial é: "What is *Kambo* used for?" Na resposta, informa-se que grandes empresas farmacêuticas têm se interessado no medicamento e que existem 70 patentes sobre os peptídeos contidos no *kambô*. Consta que atualmente estão sendo investigadas evidências para avaliar a eficácia do *kambô* no tratamento contra: Alzheimer, doença de Parkinson, depressão, enxaquecas, circulação sanguínea, câncer, problemas de fertilidade, AIDS, hepatite. Além disso, afirma-se que no contexto indígena o *kambô* é usado para tratar a malária, para força e resistência e eliminação do odor humano nas caçadas e para combater a panema.

A página inicial segue com o mesmo modelo, uma sequência de perguntas levantadas e respondidas. A próxima pergunta é "How does a *kambo* treatment work?" O texto explica como é aplicada a secreção na pele e informa que "os peptideos da pele da perereca trazem um efeito purgativo aos órgãos internos e intestinos, além de aumentar a produção de glóbulos brancos" e que a secreção melhora o sistema imunológico. Ao final do texto há uma foto de uma senhora recebendo a aplicação de *kambô* de Rakendra e os dois sorriem.

Em "What kind of *Kambo* treatments do you offer?" Rakendra explica que geralmente sugere o "tratamento tradicional" para quem vai experimentar *kambô* pela primeira vez, mas

[40] Em minhas primeiras visitas ao site da IAKP durante a realização da pesquisa de iniciação científica, Rakendra, o responsável pelo site vivakambo.com, era listado como um *pracctioner* do Reino Unido. Atualmente ele "subiu de nível" dentro da associação e divulga aplicações de *kambô* em vários países, como veremos adiante.

que também oferece vários outros tipos de tratamento com *kambô*, como: *kambô* e acupuntura, *kambô* e chakras, *kambô* avançado e *kambô* duplo ou triplo.

Em seguida, em: "Is *Kambo* Safe?" explica-se que o *kambô* é 100% seguro usado com responsabilidade, nas mãos certas. Também consta que realizando o tratamento com um praticante da IAKP se consegue a paz de espirito e segurança necessárias. A resposta é concluída informando que o "código de prática da IAKP estabelece diretrizes para utilização segura e responsável do *kambô*" e que o "comportamento impecável e o código de conduta e formação aprofundada dos praticantes da IAKP garantem que a pessoa estará em boas mãos."

A pergunta seguinte é "Who can't take *Kambo*?" A resposta é de que não é conhecido no *kambô* nenhum efeito colateral prejudicial e que é completamente seguro quando corretamente administrado. No entanto, é informado que algumas poucas pessoas não podem receber o tratamento de *kambô*, como: pessoas com menos de 18 anos de idade, mulheres grávidas ou que estejam amamentando bebê menor de um ano, pessoas com problemas cardíacos ou de pressão arterial, pessoas que já tiveram AVC, pessoas com epilepsia grave e pessoas em quimioterapia.

A penúltima pergunta contida na página inicial é "*Where can i take kambo?*" onde consta que o *kambô* é oferecido atualmente por Rakendra na Inglaterra, País de Gales, Ucrânia, Quirguistão, Cazaquistão e Tailândia.

A última pergunta da página é "Who will be administering the *Kambo* Treatments?" Na resposta, Rakendra, o responsável pelo site, é apresentado comomembro da IAKP e um dos únicos *master practitioner* da associação após passar por um tratamento extensivo e rigoroso, além de um "estudioso nas modalidades de curas xamânicas por mais de 10 anos" e com 20 anos de trabalho com bioenergética. O texto afirma que Rakendra usa o *kambô* com outras formas de trabalho energético para proporcionar uma limpeza profunda nos níveis físico e emocional, trabalhando para "desvendar blocos armazenados no corpo das pessoas, capacitando-as para se curarem e expandirem a capacidade de viver".É mencionado que Rakendra trabalha em escala global e que tem administrado aplicações de *kambô* no Reino Unido, Estados Unidos, Espanha, Ucrânia, Polônia, Cazaquistão, Quirguistão e Tailândia. Por fim Rakendra é definido como "direto em sua abordagem e em sua forma única de trabalhar, que combina humor e brincadeiras para ajudar seus clientes a brilharem luz sobre as partes mais escuras do ser". Junto das informações sobre Rakendra, vemos novamente o logo da IAKP.

Fechando a página, há um pequeno formulário em que o visitante interessado pode agendar uma sessão de *kambô*.

kambomedicina.com

Figura 9 - Página inicial do site Kambo medicina

O *site* aparenta ser dos Estados Unidos. Está em inglês e assim como o site *vivakambo.com*, é composto de uma página inicial principal, onde estão contidas a grande maioria das informações em pequenos textos informativos intitulados, um após o outro.

A foto de uma perereca *Phyllomedusa bicolor* ocupa todo o centro da primeira página com *Kambo* escrito acima dela. Abaixo da imagem, surge a pergunta: "wath is *kambo*?" O texto de resposta indica aonde vive a perereca, como se usa tradicionalmente o *kambô*, e alguns dos motivos de se utilizar a secreção. No texto aparece citado o italiano Vittorio Erspamer. Porém , o que vem em destaque no texto é que o *kambô* "é um dos mais fortes antibióticos e anestésicos naturais encontrados no mundo, e um dos mais fortes modos naturais de empoderar o sistema imunológico."

Na sequência, em "benefits of *kambo*", o pequeno texto chama a atenção para os peptídeos da pele da perereca e seus efeitos no corpo humano. Segundo o site, os peptídeos são 4000 vezes mais fortes que a morfina. Novamente é mencionado o fortalecimento do sistema imunológico e a destruição de organismos patogênicos. Por fim, há uma lista de

potenciais utilizações médicas, como o tratamento de Alzheimer, Parkinson, depressão, enxaqueca, problemas de circulação, câncer, problemas de fertilidade, e outras mais, porém em nenhum momento se apresentam quaisquer pesquisas que embasem tais recomendações.

Em "when to use *kambo*" há uma breve tentativa de descrição do que é panema e Giovanni Latanzi aparece como referência, apontado pelo site como um master *kambo pracctioner*. Em seguida, é citado que o *kambô* é tradicionalmente usado para ganhar força, manter ou recuperar a saúde e, novamente, para fortalecer a imunidade. Citam também o uso em contextos de caça e, finalmente, que o *kambô* é tradicionalmente usado para purificar o corpo de qualquer tipo de doença, incluindo a malária e picadas de aranha.

Enquanto seguem os pequenos textos, ao lado direito, separado do corpo principal da página,tem destaque a capa do livro S*apo in my soul*, escrito por Peter Gorman. A imagem é também um link que dá acesso ao site *sapoinmysoul.com*[41], que reúne uma série de informações sobre o livro, sobre o jornalista, sobre suas experiências junto aos Matsés e várias fotos de suas viagens.

Seguindo na parte central do site, segue um novo texto intitulado: "*Kambo's* Peptide Cocktail." O pequeno texto lista oito dos novos peptídeos encontrados no *kambô* analisados por cientistas. O texto seguinte é intitulado"cleansing",e chama atenção pare o efeito desintoxicante do *kambô* sobre os órgãos internos, como fígado, intestino e sistema digestivo.

Na sequência, em "Frogs Are Not Harmed in *Kambo* Collection" o texto informa que as pererecas não são prejudicadas durante a coleta do *kambô*, pois isso poderia causar má sorte. É descrito a maneira como é coletado o veneno e afirma-se que o xamã, muitas vezes, é quem vai "à caça" do *kambô*.

O texto seguinte leva o título "History of *Kambo*" e é sobre uma "pequena lenda kaxinawa" que diz respeito ao surgimento do *kambô* - a mesma história contida no site kambocleanse.com, com menos detalhes. Em resumo, as repetições são comuns nos *sites* encontrados.

Enquanto seguem os textos na parte central da pagina, no canto direito há um depoimento de uma pessoa relatando sua experiência com o *kambô* e agradecendo Beth, a responsável pelo site, num modelo semelhante ao do *site* kambocleanse.com e do *site* vivakambo.com.

[41] A capa do livro pode ser visualizada em Anexos, figura 15.

No texto a seguir chamado "Traditional uses of *kambo*", a secreção aparece como uma medicina xamânica, e afirma-se que alguns xamãs fazem tratamentos de *kambô* para curar pessoas que "sofrem de várias queixas, como dores de cabeça, alergias, problemas de tireóide, dependência de produtos farmacêuticos e assim por diante".

O próximo texto se chama "*Kambo* is Non-Hallucinogenic" e defende que o *kambô* não é alucinógeno e que é usado para limpeza e para purgar as toxinas do corpo. Na sequência, o texto "*Kambo* is Legal" informa que o *kambô* "felizmente é legal nos EUA e nos demais países". Também afirma que o *kambô* só não é legal em um de seus países de origem, o Brasil, por razões políticas em torno dos direitos monetários sobre o veneno.

Voltando a parte central da página inicial, em "Preparing for Your *Kambo* Cleanse" há orientações de como devem se preparar os interessados para a experiência com o *kambô* e em "How is *Kambo* Administered?" é explicado brevemente como é aplicado o *kambô*.

Na sequência, em "What to Expect During Your *Kambo* Experience", é descrito ao visitante do site os efeitos purgativos da experiência com o *kambô*, seguido de um texto sobre suas contra-indicações.

A seguir, no texto intitulado "What Kind of Training Does it take to become a *Kambo* Practitioner?"Beth explica que para se tornar um “praticante” do *kambô* é preciso aprender com um "mestre" durante meses. No texto que vem em seguida, "My training", é explicitada a ligação da responsável pelo site com a IAKP. Beth cita que foi treinada por um *master practitioner*, Simon do site kambocleanse.com, quando este estava começando a administrar aplicações públicas. Ela destaca que acompanhou Simon durante oito meses até realizar sua primeira "cerimônia solo" e conclui o texto explicando que só passou a transportar o *kambô* após o treinamento, após 25 anos de prática no xamanismo e após ganhar 5 faixas pretas e se tornar mestre de artes marciais.[42]

O próximo texto se chama "The spiritual power of *kambo*".Beth afirma que o *kambô*, como um animal com forte imunidade contra predadores, empresta o poder de arrematar energias parasitas que se alimentam do corpo, mente e espírito. Ela também relata que muitos de seus clientes foram sincronicamente visitados por sapos após receberem as aplicações.

[42] Voltando ao topo da página inicial, é possível acessar o link "About Beth Leone", onde Beth apresenta a sua "trajetória xamânica" mais detalhadamente.

Ao fim da página inicial, em "Contact" há um campo em que o visitante pode deixar nome, email e mensagem para contato com Beth.[43]

Sacredvalleytribe.com

Figura 10 - Página inicial do site *Sacred Valley Tribe*

O *site* é peruano, porém está em inglês. Na página inicial há informações sobre cerimônias de Ayahuasca, São Pedro, Temazcal e de *Kambô* e também a divulgação das datas em que ocorrem estas cerimônias.

Entrando no link "*kambô* therapy", temos acesso a algumas fotos da secreção nas palhetas e da aplicação do *kambô*. Ao lado, há um pequeno texto que traz breves infomações sobre os peptídeos da secreção que "fornecem uma cura profunda para pessoas em condições variadas". Explica-se que o *kambô* tem sido usado por povos amazônicos há milhares de anos e que eles usam esta medicina para impulsionar o sistema imunológico e aguçar os sentidos para a caça.

Em seguida há um pequeno texto intitulado "*Kambo* ceremony" em que são expostos brevemente alguns dos efeitos físicos do *kambô*. Ao lado do texto, há algumas indicações de como se preparar para a "cerimônia", como beber apenas água e sucos de 12 a 14 horas antes

[43] Nas primeiras visitas ao site durante a pesquisa de iniciação científica, era possível visualizar os preços e as diferentes opções de aplicações de *kambô* oferecidas por Beth.

da sessão, levar dois litros d'água para beber antes da aplicação, usar roupas confortáveis. Também explicam que a pessoa deve escolher quantos "pontos" aplicar, e explicam como são feitos os "pontos" de *kambô*.

Na sequência, há a foto de Fakir, o responsável pelas aplicações de *kambô* oferecidas no site, e um texto explicando que ele trabalha como "facilitador de plantas sagradas" e como músico e flautista há oito anos, e que há três anos mora com sua esposa no Vale Sagrado, oferecendo trabalhos de cura com Huachuma, *kambô* e "outras plantas medicinais". Logo abaixo da foto, segue o contato de Fakir e o preço da "cerimônia do *kambô*": 180 soles. Ao lado, há um texto escrito por Fakir. São instruções sobre aonde ocorrem as cerimônias de *kambô* e como reservar e garantir a participação. Em seguida ele explica que é preciso saber se as pessoas interessadas tomam qualquer tipo de medicamento, se tem problemas de saúde, problemas no coração ou se sofrem de doenças graves. Ele afirma que as cerimônias têm geralmente entre 5 a 10 pessoas, vindas dos quatro cantos da terra e conclui se identificando como o aplicador do *kambô*, com anos de experiência com a secreção e com outras plantas sagradas, e dizendo que está bem versado para lidar com diferentes situações que podem ocorrer durante uma cerimônia. Após as intruções, há um pequeno formulário a ser preenchido pelos interessados e outro pequeno texto, "preparation for *kambo*", onde é indicado novamente como se preparar para a cerimônia do *kambô*.

Terminam aí as informações sobre o *kambô* na página. No entanto, nessa mesma página, por fim, há 2 textos escritos por Fakir sobre o rapé. Os textos estão acompanhados de fotos de um índio Huni Kui aplicando rapé em um não-indígena e de dois índios Yawanawa aplicando rapé um no outro. Nos textos, Fakir descreve o que é o rapé, seu efeitos e algumas das suas possíveis composições, e explica que todas as "tribos" que usam *kambô*, também utilizam algum tipo de rapé. Também informa que oferece e recomenda o rapé em alguns momentos da cerimônia do *kambô*, especialmente para auxiliar na limpeza e no efeito purgativo, quando necessário.

kambo.nu

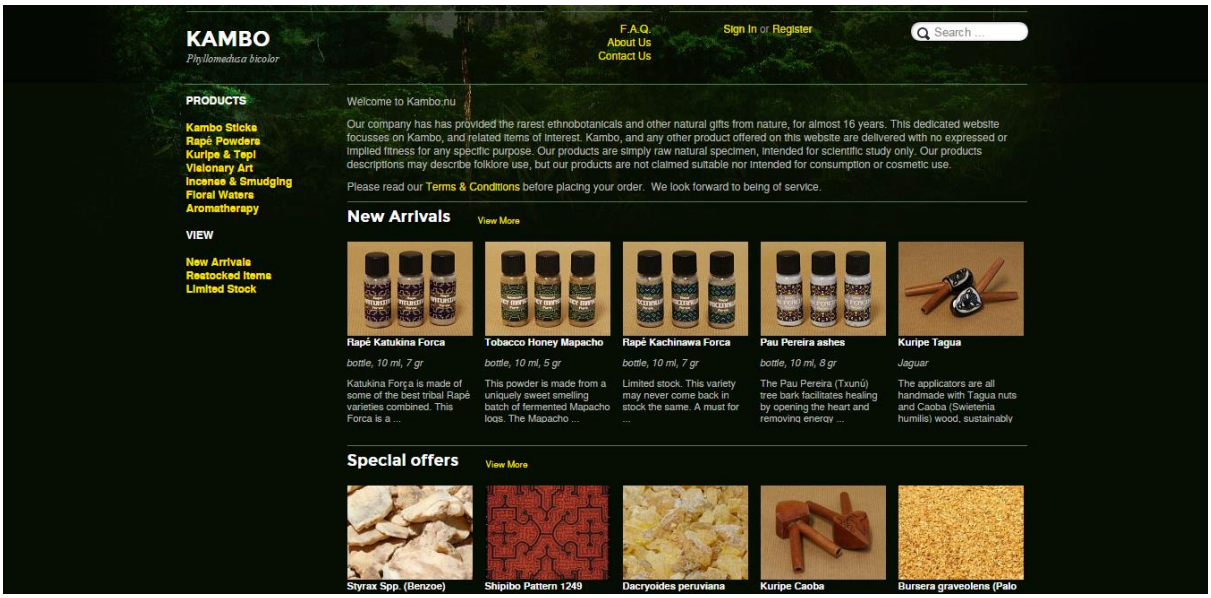

Figura 11 - Página inicial do site *kambo.nu*

O *site* é holandês e está em inglês. Funciona como uma loja virtual[44] oferecendo à venda palhetas de *kambô*, diferentes tipos de rapé e de cinzas, curipes e tepis, arte visionária, incensos e óleos essenciais, florais e aromaterapia. No texto de apresentação na página inicial, o *site* se auto-define como uma empresa que tem providenciado etnobotânicos raros e "presentes da natureza" há quase 16 anos. Explica-se também que os produtos oferecidos no site são para o estudo científico e não são adequados para o consumo ou uso cosmético. Aqui chama a atenção o fato de que o texto de entrada é muito semelhante ao texto intitulado "disclaimer" que consta na página "Supplies" do site kambocleanse.com.

Clicando em "*kambô* sticks", se tem acesso a fotos das palhetas de *kambô* envoltas em palha de milho. Ao lado das fotos, o *site* informa que o estoque é sempre fresco e que vem dos Matsés. Segundo o site cada palheta contém veneno para 75-100 pontos e vem com aplicadores, uma garrafa de amosta de sangue de dragão e um pedaço de Palo Santo. O preço da palheta é 75,06 dólares.

Logo abaixo das fotos e do preço das palhetas, há um quadro com pequenos textos informativos sobre a secreção. O primeiro texto, "description", descreve que cada palheta de *kambô* é única por ser feita a mão por diferentes pessoas e que junto da palheta, também vem

[44] O site segue um modelo muito semelhante ao site *katukina.com,* listado como referência no site *kamblocleanse.com*. Alguns dos intens oferecidos à venda inclusive são os mesmos nos dois sites.

um pedaço de Palo Santo. Em seguida, o site informa sobre o uso do *kambô* entre povos indígenas na Amazônia, chamando atenção para os Matsés, afirmando que eles utilizam tradicionalmente o *kambô* para obter força e destreza na caça. Ao final deste primeiro texto, o site descreve a utilização indígena do *kambô* (entre os Matsés), dessa vez não como "preparação para a caça", e sim durante a caçada, efetivamente. Afirma-se que os dardos utilizados para caça são revestidos com a secreção do *kambô* e são soprados nos animais durante a caçada na floresta, e que os animais ficam incapacitados fisicamente e passam por um processo de desintoxicação, semelhante ao processo experimentado pelo xamã para purificar-se da má sorte e das toxinas. Finalmente, o animal capturado é levado vivo e saudável para a aldeia e sacrificado para alimentar a todos. Este foi o único site em que encontrei informações sobre o revestimento de dardos com *kambô* durante as caçadas.[45]

No texto a seguir, intitulado "History", é descrito como é coletada a secreção do *Kambô*, indicando que a perereca não é prejudicada durante o processo, e que para os Matsés, prejudicar a perereca poderia ofender os espíritos dos animais e provocar infortúnios. Informa-se que os usuários tradicionais utilizam do veneno como remédio, como ajuda na caça e para se tornarem fortes e "invisíveis". Neste texto há um trecho com um relato de um índio Machineri advertindo que "seus curandeiros sabem como usar a secreção do sapo" e que o kambô utilizado incorretamente em outros lugares levou pacientes a morte. Em seguida, o texto informa que na década de 80, durante uma de suas visitas aos Matsés do Peru, o jornalista Peter Gorman documenta a primeira experiência, em primeira mão, em que uma pessoa leva uma substância animal diretamente à corrente sanguínea para fins medicinais. Afirma-se que os tempos mudaram desde então, pois a secreção pode ser comprada "sem receita médica" na Amazônia ou administrada por curandeiros tradicionais e ervanários como "remédio caseiro natural". Enfim, o texto é concluído informando que em um artigo da "International Herald Tribune", de 31 de maio de 2006, é indicada uma aliança entre o povo Katukina e o governo brasileiro, para garantir que os lucros gerados a partir do desenvolvimento dos medicamentos a partir da secreção do *kambô* fossem permanecer no país e beneficiar os Katukinas. Este trecho do texto certamente está se referindo ao Projeto Kampô, , mencionado no início do capítulo, que foi concebido aproximadamente nesta época.

[45] K. Milton (1994) publicou um artigo sobre o *kambô* entre os Mayoruna - que se tratam do mesmo grupo que os Matsés peruanos, porém os que vivem no Amazonas, em território brasileiro - em que menciona brevemente o uso de dardos revestidos com a secreção do anfíbio do gênero *Phyllobates* por alguns grupos indígenas.

Passado uma década, os responsáveis pelo site não atualizaram estas informações, visto que o Projeto *Kampô* não avançou.

Nos textos seguintes, o *site* informa alguns detalhes da perereca *Phyllomedusa bicolor*, como cor e tamanho e detalhes sobre os peptídeos encontrados na secreção. Nos últimos textos, em "combinations", o site discorre sobre o uso do *Nu-Nu* em cerimônias do *kambô*, afirmando que é um tipo de rapé utilizado ao lado do *kambô* por diversos povos da Amazônia, incluindo os Matsés. Afirma-se que o *Nu-Nu* também é utilizado por "modernos neo-shamans" e está se tornando popular no mundo todo. Também é descrito o uso da *Guayusa*, um chá estimulante bebido pelos Matsés durante as cerimônias de *kambô* e *Nu-Nu*para se energizarem e ficarem acordados durante muitas horas. O texto discorre ainda sobre o *Palo Santo*, como auxiliar durante as cerimônias de *kambô* enquanto a pessoa que recebeu as aplicações está sob os efeitos da secreção e, finalmente, é indicado o *Sangue de dragão*[46] como uma ferramenta essencial para os "praticantes de *kambô*", devido às suas propriedades benéficas na cicatrização da pele.

O *site* ainda conta com um texto intitulado "warning", onde advertem o interessado a nunca usar o *kambô* sem antes ser "introduzido e iniciado" por um experiente provedor do tratamento, ou por um usuário experiente. Também sugerem uma devida investigação, e ainda tomar 1 a 1,5 litros d'água antes da aplicação. O último texto da página, chamado "Other info", enfatiza que não é a intenção do site popularizar ou promover a utilização do *kambô*, e que fornecer instruções sobre o uso da secreção está além da ética e responsabilidade do site, sendo impossível definir o uso com mil palavras. Ao fim do texto, é aconselhado ao leitor investigar o assunto.

Ao fim da página, há uma pequena lista de referências, entre elas os sites: http://www.matses.info, http://www.ipsnews.net e http://amphibiaweb.org.

[46] *Sangue de dragão* é como é chamada a seiva da árvore dragoeiro. Popular no estado do Acre, é utilizada principalmente para tratamento de pele e cicatrização.

ayakambo.com

Figura 12 - Página inicial do site *Ayakambo*

O *site* está em alemão, podendo também ser visualizado em inglês. Na página inicial informa-se inicialmente que o site consiste em informações e vídeos sobre: ayahuasca, vacina do sapo *kambô*, plantas medicinais, xamanismo amazônico e cerimônias, rituais e cura na Suíça, Áustria e Alemanha. Na sequência consta que o projeto *Ayakambo kura* forma um órgão que cresce rapidamente e influencia os atuais desenvolvimentos no trabalho espiritual com a medicina tradicional indígena, e que a sua missão é abrir uma conexão entre o mundo natural e espiritual para a construção de uma ponte entre a sabedoria dos povos indígenas e o conhecimento do nosso tempo.

Ainda na página inicial tem-se acesso a alguns links, entre eles "Froschmedizin", que descreve que o *kambô* é um método de cura natural dos índios Katukina da amazônia brasileira, usado a milhares de anos e eficaz em todo o organismo humano. Descreve-se que o *kambô* primeiramente fortalece o sistema imunológico e é um forte purificador do sangue, além de melhorar a circulação e combater a ansiedade, a depressão, a progressão do câncer e doenças articulares. Também destaca-se que espiritualmente o *kambô* remove a panema e que aumenta significativamente o desempenho e a condição física, reduz a necessidade de comer e beber a um mínimo, aumenta a visão e a percepção auditiva dos índios antes das caçadas e, a longo prazo, regula os pensamentos e acrescenta clareza e propósito. Por fim, após descrever

como é capturada a perereca e coletada a secreção, o *site* disponibiliza um vídeo que mostra o processo de coleta, gravado em 2014 no Peru[47].

No link que leva o nome do site "AyaKambo" consta que o site foi criado em 2012 e que em 2013 foi criada a associação AyaKambo, que tem trabalhado com aplicações de *kambô* em países de língua alemã. Segundo o site, o *kambô* utilizado por eles vem dos índios Matsés. Na página é destacada uma atualização de março de 2015, informando que houveram separações e reconstituições e que agora a associação chama-se "Kameko", fundada por Armin Tschumi. O link ainda traz uma lista de atividades promovidas pela associação Kameko, entre elas: iniciação e rituais com medicinas indígenas, excursões em grupo para experimentar métodos tradicionais de cura em regiões remotas e o uso do *kambô*. Ao final da página, o *site* www.prana.vision é indicado para maiores informações. O mesmo site também é indicado no link "Kambô Events" para informações sobre as datas dos próximos eventos ofertados pela associação Kameko.

[47] Disponível em: http://ayakambo.com/medizin/kambo. Acessado em: 11/11/2016.

CAPÍTULO 3 - DO *KAPUM* AO *KAMBÔ*

Na descrição dos *sites* realizada no capítulo anterior vimos que várias das informações utilizadas na divulgação do *kambô* no exterior são recorrentes, como por exemplo a aproximação do *kambô* a outras práticas - como yoga, medicina ayurvédica e uma série de terapias - ao xamanismo e a uma noção de corporalidade que difere daquela do contexto nativo, abordada no primeiro capítulo. Nesse sentido, irei agrupar e retomar neste capítulo os trechos que explicitam tais aproximações e os dados que considerei os mais enfatizados pelos *sites*.

Kambô e corporalidade

Um dos aspectos mais presentes na grande maioria dos sites abordados é uma conexão entre o *kambô* e uma noção de corporalidade, desta vez no contexto urbano. Já no primeiro texto contido na página inicial do *site kambocleanse.com* é mencionado que o *kambô* é capaz de "limpar o corpo, as emoções e o espírito". No *site medicinakambo.com* também é mencionado que o *kambô* "limpa e purifica o corpo" e que "nivela e alinha os chacras e trabalha em três campos: o físico, o mental/emocional e o espiritual". O *site* também indica que o *kambô*" atua nos corpos sutis, na percepção em geral, na intuição e nos sonhos, na terceira visão, no inconsciente e nos bloqueios que impedem o fluxo da energia vital". O *site vivakambo.com,* por sua vez, menciona que o *kambô* "traz renovada vitalidade ao corpo e ajuda o sistema imunológico". No texto de apresentação de Rakendra, o responsável pelo *site*, consta que ele usa o *kambô* junto de "outras formas de trabalho energético para proporcionar uma limpeza profunda nos níveis físico e emocional, trabalhando para desvendar blocos armazenados no corpo das pessoas". No *site kambomedicina.com* é mencionado que o *kambô* é usado para "limpar as toxinas do corpo". Já no *site ayakambo.com* é mencionado que o *kambô* "primeiramente fortalece o sistema imunológico" e que "aumenta significativamente o desempenho e a condição física". O fortalecimento do sistema imunológico, aliás, é um dos argumentos utilizados em praticamente todos os *sites*.

A partir destes dados é possível perceber que, assim como no contexto indígena, o *kambô* no contexto urbano também tem uma relação estreita com a construção do corpo, no entanto as noções de corporalidade relacionadas à prática nestes dois contextos diferem.

Enquanto há uma certa especificidade na corporalidade indígena proporcionada pelo *kambô* que recai sobre relações substanciais e sobre a construção de corpos resistentes, endurecidos, plenos e capacitados para um bom desempenho na execução das tarefas cotidianas que se esperam de cada um e que consequentemente contribuem para o bom desenrolar da dinâmica social que une as pessoas de um mesmo grupo - aspectos abordados no primeiro capítulo - a noção de corporalidade no contexto urbano presente nos sites recai em argumentos diversos que aproximam a construção do corpo a um viés terapêutico, como veremos mais adiante. Quando vemos o *kambô* sendo relacionado não somente ao corpo físico, corpo social e noção de pessoa (como no caso da conceituação de *yura*) mas também a noções como "corpos sutis, terceira visão, corpo emocional, corpo espiritual, fluxo de energia vital, alinhamento de chacras" entre outras - aspectos que são recorrentes na maioria dos *sites* - vemos outros tipos de corporalidade entrando em cena.

Neste sentido, o *kambô* apresenta-se como um conhecimento tradicional indígena estreitamente relacionado à produção de corpos, porém em dois contextos distintos.

Kambô terapêutico

Conforme apontou Lima (2014), em meio a difusão do *kambô* no meio urbano, pouco a pouco saem de cena as igrejas ayahuasqueiras e surgem os ditos terapeutas *new age*, enfatizando o viés terapêutico do uso do *kambô*. A descrição dos *sites* no capítulo anterior confirma este fato e traz exemplos de como o *kambô* é inserido numa rede de terapias alternativas, onde os terapeutas divulgam e buscam legitimar a prática reforçando uma face científica e uma face xamânica do conhecimento indígena, combinando-o a variados tipos de terapias e conhecimentos. A constante utilização da categoria "medicina" - que aparece no próprio endereço de dois *sites* (*medicinakambo.cl* e *kambomedicina.com*) - também demonstra uma conexão com a ênfase no potencial terapêutico da prática no contexto urbano.

A primeira imagem da página inicial do *site kambocleanse.com* - que é de um sapo em posição de meditação - já antecipa, por assim dizer, a posição do responsável pelo site, Simon, e o seu modo de trabalhar com o *kambô*, ilustrando um tipo de combinação de práticas. No primeiro texto da página, Simon menciona que vem promovendo uma combinação de *kambô* com yoga, meditação e ayurveda em seus trabalhos, e mais adiante se apresenta no *site* não apenas como um *master practitioner*, mas também comoconsultor ayurvédico. No link do *site*

onde são oferecidos pacotes de aplicação com o *kambô*, Simon indica que o *kambô* é excelente antes de Yoga e meditação. Aqui vemos que Simon promove uma associação entre o *kambô* e práticas meditativas, o que chama a atenção é a distância, à primeira vista, entre as práticas, visto que as reações corporais proporcionadas pela aplicação do *kambô* - como o vômito, a taquicardia e a diarréia - podem ser consideradas como opostas a práticas de cunho meditativo como o Yoga, que evocam uma ideia de quietude, concentração, silêncio.

No site chileno *medicinakambo.com* também é possível perceber uma relação entre o *kambô* com diversas terapias. Os responsáveis pelo site, Daniel e Miguel Angel, se apresentam como "terapeutas naturais complementares" formados pelo "Instituto del Medio Ambiente" - IDMA e além do trabalho com o *kambô* oferecem uma série de terapias, entre elas: essências florais de Bach e Califórnia, reflexologia, massagem shiatsu zen, yoga e yogaterapia e massagem de relaxamento. Novamente o *kambô* aparece relacionado ao yoga.

No site *vivakambo.com*, Rakendra oferece diferentes tipos de tratamento em combinação com o *kambô*, entre eles "*kambô* e acupuntura" e "*kambô* e chakras", e é apresentado como um *master practitioner* e também como um "estudioso nas modalidades de curas xamânicas por mais de 10 anos e com 20 anos de trabalho com bioenergética". Já no site *kambomedicina.com*, Beth apresenta a sua "trajetória xamânica" e menciona que só passou a aplicar *kambô* após treinamento com um *master practitioner* (Simon), após 25 anos de prática no xamanismo e após ganhar 5 faixas pretas e se tornar mestre em artes-marciais.

Aliás, quando vemos Simon, Rakendra e Beth utilizarem categorias como *master practitioner* na apresentação aos visitantes de seus *sites*, eles se colocam em um "patamar diferenciado" em relação aos seus clientes, demonstrando que para se tornar um aplicador, ou *practitioner*, é necessário passar por processos de formação, ou seja, é necessário ser treinado para tornar-se um *master practitioner*. Usar esse tipo de categoria numa auto-apresentação parece vincular-se com uma legitimidade por parte do aplicador para com seus clientes, demonstrando que há diferenças de conhecimento entre quem aplica e quem recebe a secreção.

Outro aspecto de destaque presente em grande parte dos sites que se relaciona com o viés terapêutico da prática é a divulgação da eficácia do uso do *kambô* contra uma extensa lista de doenças. O *site medicinakambo.cl* indica que o trabalho com o *kambô* vem obtendo bons resultados no tratamento de pessoas com:"imunidade baixa, dores e inflamações em geral, cansaço, tendinite, dor de cabeça, asma, renite, alergia, úlcera, diabetes, prisão de

ventre, problemas de pressão arterial e circulação, colesterol alto, cirrose, stress, irregularidade menstrual, redução da libido, depressão, crise de pânico, dependências, entre outros".

No *site vivakambo.com* consta que "atualmente estão sendo investigadas evidências para avaliar a eficácia do *kambô* no tratamento contra: Alzheimer, doença de Parkinson, depressão, enxaquecas, circulação sanguínea, câncer, problemas de fertilidade, AIDS, hepatite".

Já o *site kambomedicina.com* menciona que o *kambô* fortalece o sistema imunológico, destrói organismos patogênicos, e apresenta uma lista de "potenciais utilizações médicas, como o tratamento de Alzheimer, Parkinson, depressão, enxaqueca, problemas de circulação, câncer, problemas de fertilidade, e outras mais", sem mencionar maiores informações para embasar tais recomendações.

Exemplos como estes citados acima mostram alguns dos modos como os *sites* divulgam e combinam o *kambô* com outras práticas inserindo o conhecimento indígena numa rede de terapias alternativas.

Kambô xamânico

Um outro aspecto recorrente nos *sites*, como mencionado, é a "xamanização" do kambô, ou seja, a aproximação do *kambô* a uma noção genérica de xamanismo ou a um "xamanismo genérico", conforme apontou Lima (2005, 2014) sobre o começo da difusão urbana e mais recentemente sobre a internacionalização da prática.

No *site kambocleanse.com*, por exemplo, é mencionado que o *kambô* combina com "outros medicamentos naturais" como a Ayahuasca e o São Pedro. O site traz uma história que é divulgada como uma "lenda kaxinawa", onde um curador chamado *Kampu*, sob efeito da Ayahuasca, aprende os conhecimentos sobre como utilizar a secreção, cura pessoas em sua aldeia e após morrer se transforma na própria perereca. Chama a atenção o fato de que essa suposta lenda também aparece nos *sites medicinakambo.com* - desta vez como "história tradicional Katukina - e *kambomedicina.com*.[48] Além de aproximar o *kambô* à Ayahuasca e ao

[48] Buscando saber de onde surgiu essa versão bastante divulgada na internet me deparei com dois textos que parecem embasar as narrativas: "*Kambô,* O Espírito do Pajé" de Marcelo Bolshaw Gomes (jornalista e professor da UFRN) e "O pajé que virou sapo e depois promessa de remédio patenteado" da antropóloga Beatriz Labate.

São Pedro, Simon oferece à venda no *site* substâncias xamânicas: rapé Yawanawa e rapé Katukina.

A apresentação de responsáveis pelos *sites* - como Rakendra do *site vivakambo.com* e Beth do *site kambomedicina.com* - reforçam essa aproximação do *kambô* à uma noção genérica de xamanismo. Como já apontado acima, no tópico "*Kambô* terapêutico", Rakendra é apresentado como "estudioso por mais de 10 anos em modalidades de curas xamânicas" (sem explicitar de fato em que consistem e quais são as tais "modalidades"). Já Beth, ao discorrer sobre o treinamento que a habilitou a transportar e trabalhar com o *kambô*, argumenta também que tem 25 anos de prática no xamanismo.

No *site medicinakambo.cl*, os terapeutas Miguel Angel e Daniel afirmam que receberam instrução e formação de pajés Katukina para trabalharem com o *kambô*, o que indica novamente uma "xamanização" da secreção.[49]

No *site kambomedicina.com* consta a informação de que muitas vezes o xamã é quem vai "à caça" do *kambô*[50] e a secreção é definida como uma "medicina xamânica" utilizada para a cura.

O *site sacredvalleytribe.com* traz informações sobre "cerimônias" de *kambô* ao mesmo tempo que divulga cerimônias de Ayahuasca e São Pedro. Fakir, que aparece no site como responsável pelas aplicações de *kambô*, também é apresentado como "facilitador de plantas sagradas" e condutor de trabalhos de cura com Huachuma, *kambô* e "outras plantas medicinais". Na página do *site* que é destinada às informações sobre o *kambô* - "*kambo* therapy" - Fakir também traz informações sobre o rapé e menciona que o oferece e recomenda durante a cerimônia do *kambô* quando necessário, e que todas as "tribos" que utilizam *kambô* também utilizam algum tipo de rapé.

No *site kambo.nu* novamente é feita uma associação entre *kambô* e rapé. Em "combinations" é mencionado que vários povos, incluindo os Matsés, usam o *Nu-nu* (um tipo

(Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/noticias?id=53610 e http://www.antropologia.com.br/colu/colu27.htm, respectivamente. Visualizado por último em: 07/01/2017).

[49]Lima (2005) apontou que os especialistas xamânicos - *Shoitiya* e *Romeya* nos termos nativos - não são necessariamente os mais habilitados pra aplicar *kambô*, afirmando que "se o fazem é mais pelas qualidades morais do que pelas credenciais xamânicas".

[50] Quando estive entre os Yawanawa não vi os especialistas xamânicos se envolverem na coleta e nas aplicações de *kambô*. O mais comum é que tanto a coleta quanto a aplicação sejam realizadas por caçadores de meia-idade.

de rapé) ao lado do *kambô*, e que esse rapé também está sendo utilizado por "modernos neo-xamãs".

Já o *site ayakambo.com*, conforme apontou Lima (2014), faz uma associação entre a Ayahuasca e o *kambô* no próprio título e destaca na página inicial que consiste em vídeos e informações sobre: Ayahuasca, *kambô*, plantas medicinais e xamanismo amazônico.

A partir destes exemplos contidos nos *sites* vemos que o *kambô* é divulgado e compreendido nestes contextos como uma substância análoga a plantas visionárias utilizadas em contextos xamânicos como o São Pedro e a Ayahuasca.

Essa associação realizada por não-indígenas entre o *kambô* e a ayahuasca, por exemplo, acaba reunindo ambos em um mesmo "pacote xamânico"[51] (Goés, 2009) nas divulgações urbanas, desconsiderando suas especificidades e que cada uma destas substâncias não opera no mesmo campo de ação no contexto indígena (Lima, 2014). Usada principalmente para a caça e para combater a panema no contexto nativo, a secreção passou a ser divulgada no meio urbano como um remédio capaz de curar os mais diversos malefícios corporais e espirituais, e ser compreendida como um conhecimento "secreto", restrito a especialistas. A noção de especialista na aplicação do *kambô*, aliás, pode ser considerado um processo recente, que surge com a popularização da prática no meio urbano.

Sobre a especialização e as diferenças na utilização do *kambô* e da ayahuasca, Goés (2009) apontou:

> As diferenças inerentes ao uso do *kampô* e *ayahuasca* que no contexto aldeão são manipulados por pessoas com características bastante distintas (tal como explicitado no segundo capítulo) são amenizadas na relação com não-índios, que então incorporam ambas, indistintivamente, como fossem diretamente provindas do universo extremamente especializado dos pajés. Mas há uma questão que esse processo coloca e que está ligada às próprias técnicas de manipulação de umas substâncias e outras. Se um ritual de *oni/ayahuasca*tem agregado a seu uso todo um complexo de saberes especializados relacionados aos cantos que pouquíssimas pessoas mesmo entre os Katukina, dominam - e que por sua vez o diferencia do uso de religiões ayahuasqueiras-; o uso do *kampô*é relativamente simples e mesmo alguém ignorante de qualquer técnica

[51] Em sua dissertação de mestrado, Goés (2009) utiliza o termo ao fazer uma análise detalhada sobre a inserção do *kambô* num mesmo patamar que a ayahuasca e o rapé.

> xamânica é capaz de manipulá-lo, desde que saiba como extrair sua secreção. O ponto é que o uso do *kampô* prescinde de especialistas - ainda que seu uso legítimo no contexto aldeão pressuponha uma ascendência moral do aplicador - e com isso mesmo um não-indígena pode se considerar apto a manipulá-lo tornando a difusão desse conhecimento algo mais dificilmente controlável. (p. 147)

A partir do caso Katukina, Goés chama a atenção para as técnicas de manipulação de uma substância e de outra e a relativa simplicidade de manipulação do *kambô*. Tendo em vista que nas divulgações urbanas do *kambô* não há ênfase algum nas qualidades morais que legitimam uma pessoa a ocupar a posição de aplicador - fator determinante no contexto indígena - é possível compreender o surgimento de tantos aplicadores não-indígenas no contexto urbano, considerando que o manejo da secreção não envolve muita complexidade, no sentido de que prescinde de técnicas especializadas.

Considerando, por exemplo, que os conhecimentos relativos à caça e os conhecimentos xamânicos operam em áreas específicas, cada qual com suas particularidades, percebemos transformações consideráveis na prática a partir dos entendimentos urbanos sobre a secreção. Quando o *kambô* é associado e relacionado ao São Pedro, à Ayahuasca, ao Huachuma e ao rapé - mesmo que grande parte das etnias que usam o *kambô* também utilizem o rapé e a ayahuasca - não se explicita nas divulgações urbanas que são substâncias de diferentes lugares (no caso do *kambô* e o São Pedro e Huachuma), com diferentes origens, de diferentes campos de conhecimento, com diferentes conhecedores. Nos sites não se esclarece ao visitante que tais substâncias são utilizadas de diferentes formas nos contextos nativos, com diferentes técnicas, talvez porque os próprios divulgadores não tenham muita clareza a respeito de tais especificidades.

Ainda sobre a noção genérica de xamanismo, em um artigo sobre a internacionalização da ayahuasca, Losonczy e Mesturini (2011) chamam a atenção para a interpretação simplista presente em meios urbanos internacionais sobre o xamanismo indígena, onde o mesmo é "expurgado de suas dimensões guerreiras e de agressão e reformulado em sabedoria ecológica planetária"[52]. Uma "ecologização" do *kambô*, aliás, é outro aspecto recorrente nas divulgações urbanas, conforme apontado por Lima (2014). Os

[52] Neste artigo as autoras também utilizam o termo no plural - xamanismos indígenas - indicando a complexidade de práticas xamânicas, que contém especificidades de etnia para etnia.

sites kambo.nu e *kambomedicina.com* afirmam que a perereca não é prejudicada durante a coleta da secreção, indicando uma suposta preocupação ecológica, no entanto pouco se sabe sobre os reais impactos ecológicos nos locais de origem do *kambô*, provenientes desta difusão urbana.

Enfim, a partir dos trechos abordados nesse tópico, pode-se observar que o *kambô* passou por um processo de esoterização no contexto urbano, constantemente reforçado pela sua divulgação.

Legitimação e o surgimento de associações

Por meio das descrições dos *sites* no capítulo anterior vimos também que a legitimação do uso *kambô* nestes contextos é reforçada através de vários aspectos, entre eles a referência às etnias que utilizam o *kambô* - em especial aos Katukina e aos Matsés - o que confere à prática um "selo de origem indígena" (Lima; Labate 2007) valorizado no meio urbano. Além disso, através de referências científicas, com destaque para a divulgação de arquivos em pdf do bioquímico Vittorio Erspamer sobre estudos científicos dos peptídeos contidos na pele da *Phyllomedusa bicolor*, que acaba por conferir também um "selo científico" ao *kambô* (Lima, 2014).

Na página inicial do *site kambocleanse.com* há fotos de Simon com índios Yawanawa, no que aparenta ser uma tentativa de demonstrar ao visitante uma proximidade do aplicador com índios conhecedores da prática. Simon também disponibiliza no *site* artigos sobre o *kambô* entre os Matsés, um texto sobre a coleta da secreção entre os Yawanawa, permeado por fotos, e um vídeo em que recebe a aplicação de *kambô* na floresta, em uma aldeia Yawanawa. Outra referência aos índios no *site* é a já mencionada "história Kaxinawa" sobre as origens do uso da secreção.

No *site iakp.org* não consta imagens de índios de etnias conhecedoras do *kambô*, no entanto menciona-se que "a associação está empenhada em garantir a sustentabilidade das tribos que possuem o conhecimento do *kambô*, e que junto de outros participantes chave estão trabalhando em planos para fornecer recursos educacionais e de saúde para comunidades remotas Matsés do Peru". Aqui vemos a associação chamar a atenção para um suposto caráter ecológico e sustentável de suas práticas, que também se relaciona com a "ecologização" mencionada há pouco. O *site* também disponibiliza uma série de artigos científicos em pdf no

link "Research & Links" com destaque para artigos de autoria do bioquímico V. Erspamer junto de equipes de pesquisadores italianos. Outrora, os arquivos disponibilizados eram os mesmos contidos no *site kambocleanse.com*, conforme constatei durante minha pesquisa de iniciação científica, porém nas últimas visitas percebi que o *site kambocleanse.com* excluiu tal lista de referências científicas.

O *site medicinakambo.cl* demonstra uma estreita aproximação com alguns Katukina. Há um *link* intitulado "Nación Katukina" no qual se discorre sobre o uso tradicional do *kambô* pela etnia, sobre a auto-denominação nativa (Noke Kui) e sobre os clãs que formam o grupo, e ainda sobre a Associação Katukina do Campinas - AKAC. Também consta no *site* uma galeria de fotos de índios Katukina com chilenos e aplicações de *kambô* sendo realizadas no Chile. Para finalizar a referência aos Katukina, na apresentação dos terapeutas responsáveis pelo *site* estes explicam que trabalham com o *kambô* após receberem instrução e formação por parte de pajés Katukina, conforme mencionado há pouco. Quando os terapeutas afirmam que foram pajés Katukina que lhes ensinaram sobre o *kambô*, não somente aproximam a prática ao xamanismo, ao mesmo tempo legitimam o seu trabalho com a secreção perante o público interessado nas aplicações.

Na página inicial do *site vivakambo.com* têm destaque a foto de um índio Katukina segurando duas *Phyllomedusa bicolor*, uma em cada mão. O *site* não disponibiliza nenhuma lista de pesquisas científicas sobre o *kambô*, porém logo abaixo desta foto o bioquímico Vittorio Erspamer é citado em um pequeno texto que discorre sobre os peptídeos contidos na pele da perereca.

O *site sacredvalleytribe.com* expõe fotos de um índio Huni Kuin e de índios Yawanawa na página dedicada à divulgação do *kambô*.

Já o *site kambo.nu* faz várias referências aos Matsés, com detalhes sobre o uso tradicional do *kambô* entre o grupo, destacando que as palhetas da secreção oferecidas a venda vêm deles.

A referência aos índios também consta no *site ayakambo.com*, que descreve o *kambô* como um método de cura natural dos índios Katukina e disponibiliza um vídeo mostrando o processo de coleta da secreção entre os Matsés, no Peru. Informa-se ainda que o *kambô* utilizado pela associação responsável pelo *site* também vem dos Matsés.

Seja através de referências às etnias conhecedoras tradicionais da prática, seja através da divulgação de pesquisas científicas sobre a secreção, os *sites* destacam a legitimidade do uso do *kambô* por diferentes vias. Contudo não são somente o "selo indígena" e o "selo científico" que legitimam seus usos urbanos. Um novo aspecto que reforça a legitimidade da prática no meio urbano, originado recentemente, é o surgimento de associações com sede no exterior que "regulamentam", por assim dizer, a utilização da secreção em vários países.

Em seu site (*iakp.org*) a associação *International Association of Kambô Practitioners* - IAKP se define como um órgão regulador de aplicadores de *kambô* fora da Amazônia que estabelece os códigos de conduta e as diretrizes para utilização segura e responsável do *kambô*. A associação oferece treinamento e formação para os interessados em se tornar aplicadores urbanos. A partir dos *sites* abordados vemos a influência da associação no que diz respeito às aplicações de *kambô* no exterior. Há uma rede de aplicadores urbanos conectados pela associação no mundo inteiro. Dos *sites* abordados nesta pesquisa, dois deles - *kambocleanse.com* e *vivakambo.com* - expõe um selo, ou melhor, um certificado da associação, enquanto um - *kambomedicina.com* - faz referência à associação ao citar um de seus *master practitioner*. Conforme citei no capítulo anterior, em minhas últimas visitas ao *site* constatei que a IAKP divulga uma lista de pelo menos 20 países que contam com um ou mais *practitioners* de *kambô*. Visto que em minhas primeiras visitas ao *site* a lista era consideravelmente menor não é de se estranhar que essa lista possa crescer ainda mais daqui em diante.

Enquanto no Brasil há uma grande dificuldade em se regulamentar juridicamente o uso do *kambô* entre não-indígenas, vemos no exterior uma associação estabelecendo diretrizes e "certificando" o uso urbano da secreção. O surgimento da IAKP possibilita uma série de indagações, entre elas: De qual (ou de quais) etnia (s) provém a secreção utilizada pela IAKP mundo afora? Será que há estoque faunístico o suficiente nestes locais para suprir essa nova demanda?[53]

Ainda que a IAKP seja a associação de maior destaque no que diz respeito a aplicações de *kambô* no exterior, através da pesquisa na internet constatei a presença de outra

[53] Nesse mesmo sentido, Lima (2015) adiantou algumas questões pertinentes a se pensar: "É possível se perguntar, por exemplo: como se dá a certificação da própria secreção do kampô? Há caminhos autorizados para a secreção alcançar as mãos dos aplicadores "certificados" por essa nova organização (a IAKP)? A secreção do kampô deve provir das aldeias, onde habitam seus usuários tradicionais, ou pode ser obtida, digamos assim, por "atravessadores"? Como se estabeleceu o protocolo das aplicações do kampô, agora difundidas em tais cursos de treinamento, e qual a participação dos usuários tradicionais neste processo?"

associação, talvez até mais antiga que a IAKP. O *site ayakambo.com* se apresenta como uma associação que trabalha com aplicações de *kambô* em países de língua alemã - Alemanha, Áustria e Suíça - criada em 2013. No entanto consta uma atualização de março de 2015 informando ao visitante que a associação mudou de nome após separações e reconstituições, tornando-se a partir de então a associação Kameko. Segundo o *site*, a Kameko oferece ao público rituais com medicinas indígenas, mas não somente, também promove excursões em grupo para "experimentar métodos tradicionais de cura em regiões remotas e o uso do *kambô*".[54] Aqui a Kameko aponta para um mercado etno-turístico envolvendo o uso do *kambô*, o qual será abordado adiante.

Mercantilização do *kambô* no exterior

Vimos nos tópicos anteriores que nas divulgações do *kambô* na internet há um processo de "xamanização" e de legitimação da prática, conforme já abordado. Somado a esses processos vemos a partir de todos os *sites* uma mercantilização da secreção ocorrendo de diferentes maneiras.

Os *sites kambocleanse.com*, *medicinakambo.cl*, *vivakambo.com*, *kambomedicina.com* e *sacredvalleytribe.com* oferecem aos visitantes pacotes de aplicação de *kambô* ou o *kambô* como tratamento, com diferentes preços, algumas vezes junto de outras terapias, tratando o público alvo como clientela, conforme já visto ao longo desta pesquisa.

Os *sites iakp.org* e *ayakambo.com* se diferenciam dos demais no sentido de que se definem e se apresentam como associações - IAKP e Kameko - responsáveis por organizar aplicações em mais de 20 países, no caso da IAKP, e em países de língua alemã, no caso da Kameko. Enquanto a IAKP "certifica" e oferece formação para os interessados em atuar como aplicadores urbanos (*practitioners*) de *kambô*, a Kameko oferece "rituais com medicinas indígenas", uso de *kambô* e viagens em grupo para regiões remotas, conforme mencionado.

Já um destes *sites*, o *kambo.nu*, funciona como uma loja virtual e também se diferencia dos demais. Sem estender-se muito, com informações mais diretas, o *site* não oferece

[54] Em minhas primeiras visitas ao *site ayakambo.com* em 2015, o mesmo continha mais informações, como por exemplo os detalhes sobre os tratamentos com *kambô* oferecidos pela antiga associação Ayakambo e os seus preços. Já nas últimas visitas o *site* se mostrou mais simplificado (ou resumido) e indicou mais de uma vez um novo *site* - *www.prana.vision* - para maiores detalhes sobre as atividades da associação Kameko. Não prossegui com a pesquisa nesse novo *site*.

exatamente aplicações de *kambô* ao público, oferecem à venda a própria secreção, advertindo que o fazem pelo valor científico, para estudo e não para o consumo, e que não é a intenção do *site* popularizar ou promover o uso do *kambô*, pois o fornecimento de informações sobre o uso estaria além da ética e responsabilidade do *site*, segundo eles próprios, sendo "impossível definir o uso com mil palavras". Como o *site* oferece somente a substância em si, o interessado é advertido a "nunca utilizar o *kambô* sem antes ser introduzido e iniciado por um experiente provedor do tratamento" e sugerem a devida investigação sobre o assunto. Outro aspecto de destaque neste *site* que o diferencia dos demais é que logo após descrever o uso tradicional do *kambô* entre os Matsés, o *site* expõe um relato de um índio Machineri que adverte que o uso incorreto do *kambô* no meio urbano já levou pacientes a morte. Portanto este foi o único *site* a mencionar uma questão delicada envolvendo os riscos de se utilizar a secreção sem as devidas instruções.

Já o *site kambocleanse.com* pode ser considerado, ao meu ver, o *site* que faz a propaganda mais elaborada do *kambô* na internet, dentre todos os abordados nesta pesquisa. Logo após detalhar os pacotes de aplicação de *kambô* oferecidos, Simon conta um pouco de sua história de vida aos visitantes. O *practitioner* relata que fez mestrado em artes em computação gráfica e que trabalhou na área dos efeitos visuais em comerciais de televisão para grandes marcas e estúdios antes de largar tudo e ir para a Colômbia, onde conheceu o *kambô*. Tal informação é esclarecedora ao ver o modo estratégico como ele organiza os textos, informações e fotos do *site*. Não é a toa que possivelmente o *site* seja o mais popular sobre o tema nos Estados Unidos[55].

Durante o início da realização de minha pesquisa de iniciação científica, o *site kambocleanse.com* possuía um outro *layout* e uma ligeira diferença na organização das informações. Algo que me chamou a atenção nessas primeiras visitas ao *site* foi a existência de um *link* disponibilizado na primeira página intitulado *Tribal retreats - booking now!* que direcionava o visitante a um novo *site* chamado *ancestralceremonies.com*. Este novo *site* reunia informações mais detalhadas sobre um "retiro Yawanawa de empoderamento feminino" que ocorreria em 2015 - o qual era oferecido no link *Experience of kambo*, ao lado de pacotes de aplicação nos Estados Unidos - e sobre o Festival Yawa 2015. Resumidamente, o *site* divulgava pacotes de viagem envolvendo os dois eventos e o visitante interessado poderia garantir sua vaga mediante pagamento antecipado. No entanto, pouco depois o *site*

[55] Relembrando que a página *Kambô Cleanse* do *facebook.com* é a de maior destaque nesta rede social e que foi através desta página que cheguei ao *site*.

deixou de existir e soube que as viagens em grupo organizadas por Simon não ocorreram de fato.

Mesmo que tenha mudado de ramo, por assim dizer, ao ver o modo como Simon divulga o *kambô* (e também a página *"Kambo Cleanse Supplies - A curated collection of natural medicines & accessories"* disponibilizada em seu *site*) este aparenta ser um "homem dos negócios".

Vemos nesse sentido uma apropriação estrangeira do *kambô*, que adentra ao cenário urbano como um objeto[56] terapêutico, xamânico, científico e muitas vezes como mercadoria.

[56] Para uma discussão sobre o *kambô* como objeto técnico ver Lima (2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da exposição dos dados obtidos nos *sites* que divulgam o uso do *kambô* no exterior e de uma contextualização sobre o uso da secreção no contexto nativo, tentei possibilitar uma reflexão sobre as variadas maneiras como um conhecimento tradicional indígena específico é divulgado, apropriado e reinventado em contextos urbanos internacionais, a partir de sítios eletrônicos da internet.

Nesta divulgação da prática no mundo virtual percebe-se que o *kambô* circula de várias formas, como objeto xamânico, terapêutico, científico e como mercadoria. Vemos ainda o surgimento de novas categorias e relações em torno da prática. Se no contexto nativo a relação entre aplicador e receptor se constrói a partir da veiculação de capacidades acumuladas no corpo, ou seja, a partir da transmissão de conhecimento por parte do aplicador e na possibilidade de aprendizado por parte do receptor com a repetição da prática e manutenção desta relação, no contexto urbano tal veiculação de conhecimento é deixada de lado e vemos surgir relações entre aplicador urbano (*practitioner*) e cliente, na qual há uma construção social de tais aplicadores em que estes elaboram discursos de legitimação perante seu público, ou melhor, sua clientela. Os aplicadores surgem como facilitadores de acesso ao conhecimento indígena, ou até conhecedores, e acabam por ocupar a cena principal, tornando-se protagonistas nestes contextos, onde prevalece não somente uma relação "terapeuta - paciente", mas entram em cena também relações mercadológicas, de clientela, na qual o *kambô* conta com um elaborado aparato visual de apresentação, sendo inserido num mercado neo-xamânico ao lado de outras práticas e conhecimentos tradicionais.

Mesmo que o tema da expansão urbana do *kambô* e as suas consequentes transformações já tenha sido amplamente desenvolvido, principalmente pelos trabalhos de Lima e Lima & Labate (registrados na introdução), esta monografia oferece uma descrição detalhada sobre como esta expansão tem ocorrido nos meios virtuais, algo que ainda não havia sido ensaiado. Assim, a monografia traz algumas novidades a este quadro, como o surgimento de associações internacionais, com destaque para a *International Association of Kambo Practitioners* - IAKP, que oferece cursos e formação para os interessados em ingressar na carreira de aplicador urbano. Conforme consta no *site* da associação, quando são divulgados os cursos de treinamento para a formação de aplicadores, menciona-se que antes da associação "as oportunidades para uma formação eram muito difíceis, envolvendo

invariavelmente viagens para a Amazônia para encontrar um professor voluntário". Nesse sentido, a associação surge como um órgão "regulamentador" de aplicações de *kambô*, estabelecendo as diretrizes de uso. Enquanto no Brasil não há regulamentação para o uso do *kambô* em meios urbanos - nem pelo estado nem pelo mercado de produtos alternativos -, no exterior alguns terapeutas assumem a cena principal do processo ensaiando formas próprias de "autenticação" da prática.

Pela aplicação da secreção prescindir de técnicas especializadas (Lima, 2005), a partir da pesquisa na internet foi constatado um rápido crescimento no número de aplicadores urbanos. No entanto é importante destacar que o *kambô* administrado de maneira incorreta, segundo alguns indígenas, pode oferecer sérios riscos, conforme chama a atenção um índio Machineri em um relato contido no *site* holandês *kambo.nu*. Os próprios Katukina destacaram a Lima e Labate (2007) o risco do uso da secreção de espécies diferentes, sendo muito perigosa a do sapo-cururu (*Bufo marinus*). Os riscos devem ser considerados, assim como deveriam ser mensurados os impactos sobre a população de anfíbios nos locais de origem do *kambô* como bem apontado por Lima (2014) tendo em vista a crescente demanda urbana pela secreção.

Coube a esta pesquisa a exploração de uma das facetas da difusão do *kambô* ao redor do mundo, a sua divulgação na internet. Enfim, é difícil prever os próximos caminhos a serem percorridos pelo *kambô* mundo afora e os próximos roupantes que emergirão de sua circulação urbana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISI, B. M. *A dádiva, a sovinice e a beleza. Economia da cultura Matis, Vale do Javari, Amazônia*. Tese de Doutorado. UFSC - Florianópolis. 2011

CALAVIA SAEZ, O., CARID NAVEIRA, M. & PÉREZ GIL, L. O Saber é Estranho e Amargo. Sociologia e mitologia do conhecimento entre os Yaminawa. *Campos 4*. p. 9-28. UFPR - Curitiba, 2003.

CARID NAVEIRA, M. A. *Yawanawa: da guerra a festa.* Dissertação de Mestrado. UFSC - Florianópolis. 1999.

CARNEIRO DA CUNHA, M. "Cultura" e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais. *Cultura com aspas*. São Paulo, Cosac Naify. 2009.

FREITAS, Eliane T. & GOMES, Laura G. "Uma Antropologia da cibercultura". Dossiê Antropologia da Cibercultura. *Vivência: revista de antropologia*. UFRN/DAN/PPGAS v. I., Natal. 2015.

GÓES, P. R. H. de. *Infinito povoado: domínios, chefes e lideranças em um grupo indígena do Alto Juruá.* Dissertação de Mestrado. UFPR - Curitiba. 2009.

GORMAN, P. *Sapo in my soul*. 2015.

MARTINS, H. M. *Os Katukina e o Kampô: aspectos etnográficos da construção de um projeto de acesso a conhecimentos tradicionais*. Dissertação de Mestrado. UnB. 2006.

MILTON, K. No pain, no game. *Natural History*, september. 1994.

LIMA, E. C. de. *Com os olhos da serpente: homens, animais e espíritos nas concepções Katukina sobre a natureza.* Tese de Doutorado. USP -São Paulo. 2000.

_____.Kampu, kampo, kambô: o uso do sapo-verde entre os Katukina. *Revista do IPHAN*, Rio de Janeiro, n. 32, p. 254-267, 2005.

_____. As novas formas do kampô: elementos de uma sociologia da disseminação urbana dos saberes nativos". In. LENAERTS, Marc e SPADAFORA, Ana María (eds.). *Pueblos indígenas, plantas y mercados. Amazonía y GranChaco*. Bucharest: Zetabooks. pp. 169-197, 2008.

_____. Entre o mercado esotérico e os direitos de propriedade intelectual: o caso do kampô (Phyllomedusa bicolor). In. John Kleba e Sandra Kishi (orgs.). *Dilemas do acesso à biodiversidade e aos conhecimentos tradicionais. Direito, política e sociedade.* Belo Horizonte, Editora Fórum, 2009.

_____. A gente é que sabe" ou "sobre coisas katukina (pano)". *Revista de Antropologia*. São Paulo. USP, V. 55 Nº 1, 2012.

_____. A internacionalização do kampô (via ayahuasca): difusão global e efeitos locais. In. Manuela Carneiro da Cunha, Pedro de Niemeyer Cesarino (orgs.). *Políticas Culturais e Povos Indígenas*. Editora UNESP. p.91-112, 2014.

_____. Um objeto ou uma técnica? O caso do kampô. *R@U: Revista de Antropologia da UFSCAR*. 2015.

LIMA, E. C. de & LABATE, B. C. 'Remédio da ciência' e 'remédio da alma': os usos da secreção do kambô (Phyllomedusa bicolor) nas cidades, *Campos* 8 (1). p71-90. Curitiba. 2007.

LIMA, E. C de & LABATE, B. C. A expansão urbana do kampô: notas etnográficas", in LABATE, B.; GOULART, S.; FIORE, M. (orgs.). *Drogas: perspectivas em ciências humanas*. Editora da UFBA. 2008.

LOPES, L. A. *Kambô, a medicina da floresta (experiência narrativa).* Trabalho de conclusão de curso(Comunicação Social / habilitação Jornalismo e Editoração): ECA/USP. 2000

LOSONCZY, A. & MESTURINI, S. Por que a *ayahuasca*? Da internacionalização de uma prática ritual ameríndia. Anuário Antropológico/2010-1: 9-30. 2011

PEREIRA, E. S. *Ciborgues indígen@s.br: a presença nativa no ciberespaço*. Dissertação de mestrado. UnB, Brasília. 2007.

PÉREZ GIL, L. Corporalidade, ética e identidade em dois grupos pano. *Ilha: Revista de Antropologia*, 5(1): 5-22.2003.

PÉREZ GIL, L. Pelos caminhos *do* Yuve*: conhecimento, cura e poder no xamanismo yawanawa*. Dissertação de Mestrado. UFSC - Florianópolis. 1999.

SEEGER, A., DAMATTA, R. & VIVEIROS DE CASTRO, E. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. *Boletim do Museu Nacional*, 32:2-19.1979.

TASTEVIN, C. Le fleuve Muru. La Geographie. 1925.

VIVEIROS DE CASTRO, E. A Fabricação do Corpo na Sociedade Xinguana. *Boletim do Museu Nacional*, 32:40-49. 1979.

REFERÊNCIAS EM MEIO ELETRÔNICO

AYAKAMBO. Disponível em: <http://ayakambo.com>

GOMES, M. B. *Kambô, O Espírito do Pajé*. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/noticias?id=53610>

IAKP. Disponível em: <http://iakp.org>

KAMBO. Disponível em: <http://kambo.nu>

KAMBO CLEANSE. Disponível em: <http://kambocleanse.com>

KAMBO MEDICINA. Disponível em: <http://kambomedicina.com>

LABATE, B. C. *O pajé que virou sapo e depois promessa de remédio patenteado*. Disponível em: <http://www.antropologia.com.br/colu/colu27.htm>

MEDICINA KAMBO. Disponível em: <http://medicinakambo.cl>

SACRED VALLEY TRIBE. Disponível em: <http://sacredvalleytribe.com>

VIVA KAMBO. Disponível em: <http://vivakambo.com>

ANEXOS

Figura 13 - Imagem que precede o texto "The science of *Kambo* - the magic of *Kambo* peptides", disponível em: http://kambocleanse.com/

Figura 14 - Imagem contida na página "Supplies" do site http://kambocleanse.com, disponível em: http://kambocleanse.com/buy-kambo/

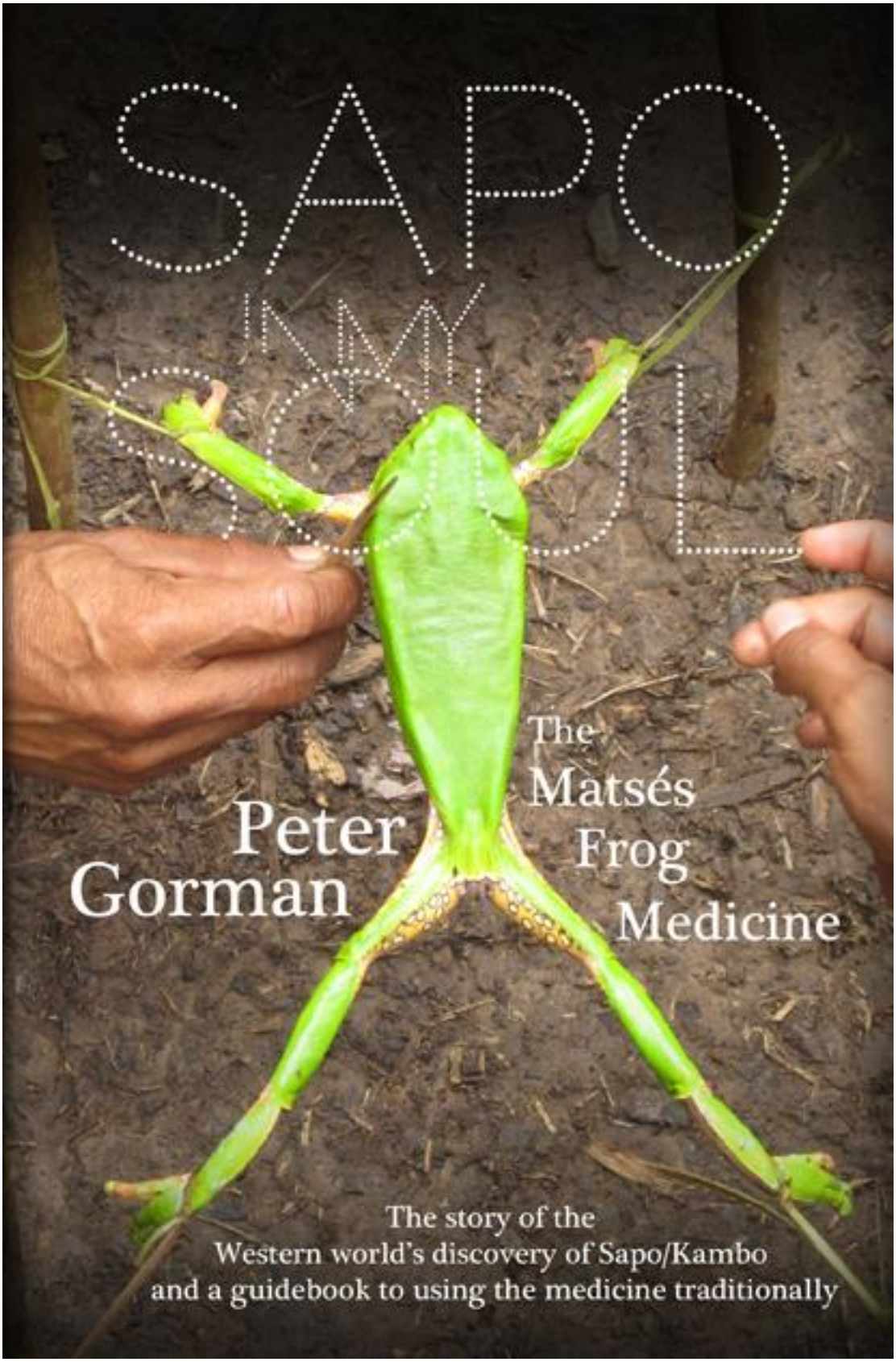

Figura 15 - Capa do livro Sapo in my soul, de Peter Gorman, disponível em: http://kambomedicina.com/ e http://sapoinmysoul.com/the-book/